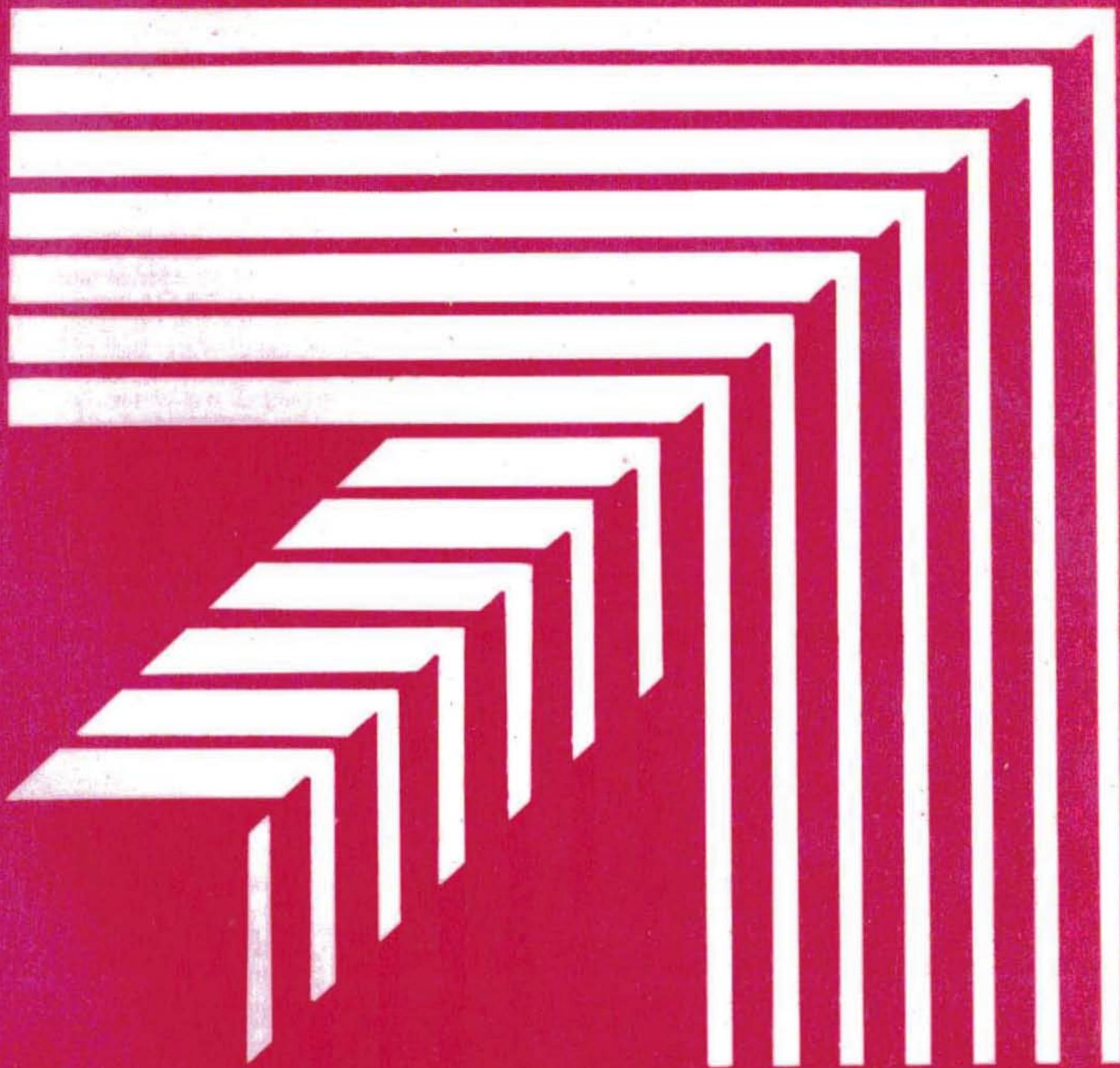


# convergência

DEZ — 1987 — ANO XXII — Nº 208



- **QUE ESTE ANO SEJA UM GRANDIOSO MAGNIFICAT**  
João Paulo II — página 579
- **IDENTIDADE E MISSÃO DA VIDA RELIGIOSA NA IGREJA HOJE**  
Pe. Calisto Vendrame, MI — página 621
- **A VIDA ESPIRITUAL NA CRISE DA MEIA IDADE**  
Dom Pedro Perez Errazuriz, OSB — página 631

## CONVERGÊNCIA

Revista da  
Conferência  
dos Religiosos  
do Brasil: CRB



### Diretor-Responsável:

Ir. Claudino Falchetto, FMS

### Redator-Responsável:

Padre Marcos de Lima, SDB  
(Reg. 12.679/78)

### Equipe de Programação:

Pe. Atico Fassini, MS  
Pe. Cleto Caliman, SDB  
Ir. Delir Brunelli, CF  
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

### Direção, Redação, Administração:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299 / 20031 RIO DE JANEIRO — RJ

### Assinaturas para 1987

#### Brasil, taxa única:

terrestre ou aérea .....	Cz\$ 310,00
Exterior: marítima.....	US\$ 38,00
aérea .....	US\$ 48,00
Número avulso .....	Cz\$ 31,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivro S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 — Benfica — 20911 Rio de Janeiro, RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202 — São Cristóvão — 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — Centro — 25685 Petrópolis, RJ.

### Nossa capa

Uma seta como símbolo. A semiologia é o estudo dos sistemas não verbais com a finalidade de suplementar a comunicação verbal, escrita ou falada, e/ou exercê-la de modo independente. Está voltada, sobretudo, para os signos da cultura. O signo é um objeto material chamado **significante** e que não inte-

ressa por suas propriedades materiais mas como algo a que corresponde um investimento semântico, o **significado**. Das relações entre **significante** e **significado**, assim entendidos, sobleva uma variedade fundamental de signo, o símbolo, que opera por contigüidade instituída entre ambos, não obstante a recíproca heterogeneidade. Um dos significados culturais do signo-símbolo de nossa capa é este: **seta é o que anda com rapidez. Setas é o que mostra direção**. A partir desta perspectiva semiológica, **CONVERGÊNCIA** quer poder ser, em 1987, como nos anos anteriores, uma parte significativa do múltiplo sistema verbal escrito de comunicação da **Conferência dos Religiosos do Brasil** e, como sua linguagem simbólica, irreduzível, portanto, à materialidade do **significante**, ajudar na escolha da direção e da velocidade da Vida Religiosa daqueles que vivem e trabalham na Igreja do Brasil. **CONVERGÊNCIA**, como **SETA**, quer desfazer dúvidas. Orientar. Confirmar opções. Dar segurança. Fazer avançar. Acelerar na marcha. Apressar o futuro. Permanecer firme, a despeito da movimentação envolvente ao redor. Deus abençoe e confirme nossos propósitos (Pe. Marcos de Lima, SDB).

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

## SUMÁRIO

EDITORIAL.....	577
QUE ESTE ANO SEJA UM GRANDIOSO MAGNIFICAT Mensagem do Papa.....	579
A FIDELIDADE À VOCAÇÃO E AO CARISMA CONGREGACIONAL A 20 ANOS DO PERFECTAE CARITATIS Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM.....	612
IDENTIDADE E MISSÃO DA VIDA RELIGIOSA NA IGREJA HOJE Pe. Calisto Vendrame, MI.....	621
A VIDA ESPIRITUAL NA CRISE DA MEIA IDADE D. Pedro Perez Errazuriz, OSB.....	631
ÍNDICE ALFABÉTICO POR AUTOR Irmã Yolanda Nascimento, MJC.....	636

# EDITORIAL

Dezembro chegou. O ano da graça do Senhor de 1987 está em fase terminal.

É hora, pois, de levar a todos os nossos estimados leitores, os mais fraternos e cordiais votos de FELIZ NATAL!

Ao fazê-lo, suplicamos ao Pai sua benignidade e ternura sobre todos. Que a todos plenifique com sua graça libertadora, com seu amor salvador, com sua Palavra de Vida feita Carne no seu Filho e Servidor de seu Povo — JESUS!

E o fazemos em nome de todos os que, na CRB, se dedicam ao serviço de animação e promoção da Vida Religiosa no Brasil. Desde seu Presidente Nacional até o mais simples funcionário da entidade. É por você, estimado leitor, por sua Comunidade, Província e Congregação que a CRB existe e a ela nos doamos. É a você, pois, que expressamos nosso desejo mais sincero neste fim de ano: FELIZ NATAL!

É hora também de revisão.

Não vivemos apenas de sonhos e esperanças. O tecido de nosso viver se faz também com o fio da realidade, na malha muitas vezes extremamente intrincada de atos e fatos. Vivemos de uma história. Somos história. E fazemos história.

Daí que, para não perdermos o fio da meada da vida, importante se faz também volver nosso olhar e coração para trás, para nosso passado, para o que passou mas que de certa forma ficou. Ali se forjaram opções, decisões, direcionamentos de vida. Ali foram vividos sofrimentos e decepções.

Nesse bojo do passado, no grande seio da história, foi sendo gestada nossa vida, nosso eu, nossa pequena história pessoal dentro da imensa e muitas vezes desnorteada história humana. Ali nos encontramos. Nesse espaço interior que em nós foi se criando, encontramos dispersos, frequentemente confusos ou enigmáticos, os elementos que vieram nos conformando. Foram eles convergindo, se entremecendo, e desenhando o perfil que nos configura. Em nossa história pessoal mais antiga. E em nossa mais recente elaboração.

Importa reler esses dados. A releitura periódica de nosso ser e viver é pedra basilar na construção de nossa vida. Reler o que está mais próximo e o que é mais exterior. Reler também o que parece mais longínquo mas que, na verdade, está mais junto a nós, mais dentro de nós do que pensamos.

Nesse jogo dialético criador entre eu e meus fatos, entre a minha vida e as circunstâncias

que a marcam, e entre o nós e a realidade, entre nossa vida sócio-política e o universo que nos cerca, estão em ato as chances do sucesso ou do fracasso.

A revisão de vida, esse renovado olhar sobre o que vem nos situando e configurando, de longe e de perto, é de valor decisivo na modelagem de nosso ser. Ela permite reencontrar-nos. Impede que as forças da dispersão nos desgastem. Cria integração. Possibilita a convergência entre ser e existir, entre sonho e práxis, entre opção e contemplação.

O que foi então, esse ano de 1987 para nós? Para mim? Que significado teve em meu projeto pessoal face ao grande projeto de vida de minha Congregação? Como senti, amei e vivi essa Igreja que é nossa, em seus planejamentos e diretrizes, em seus testemunhos e debilidades? Como repercutiu em cada um de nós a vida de nosso povo? Que sentido tiveram os grandes fatos nacionais: a Constituinte, a luta pela terra, o plano cruzado, as reivindicações salariais, a vio-

lência no campo e cidade, a perseguição à Igreja? Conseguimos ler e interpretar essa página da vida que foi 1987? Pudemos ali intuir a presença ou a ausência do Deus e Pai de todos nós, feito História em Jesus Cristo?

CONVERGÊNCIA se alegra em levar a seus leitores as seguintes reflexões:

— “A fidelidade à vocação e ao carisma congregacional a 20 anos do PERFECTAE CARITATIS”, de Frei ALMIR RIBEIRO GUIMARÃES, OFM.

— “Identidade e missão da Vida Religiosa na Igreja de hoje”, de Pe. CALISTO VENDRAME, MI.

— “A vida espiritual na crise da meia idade”, do Abade PEDRO PEREZ ERRAZURIZ, OSB.

Possam elas nos ajudar a reler nossa vida e a novamente e mais firmemente situá-la no contexto do projeto do Verbo que se fez Carne para habitar entre nós.

FELIZ NATAL!

Pe. Atico Fassini, MS

---

### Carisma e instituição

“Logo que a família religiosa começa a crescer, perde em qualidade. O carisma congregacional vai se institucionalizando. A vida entra em trilhos batidos. A qualidade deixa de existir quando a quantidade se faz presente. Os Fundadores sentiram claramente que o ideal que os arrebatara perdeu sua força com a mediocridade dos homens e o peso da institucionalização. Até que ponto podem viver juntos carisma e instituição?” Não deixe de ler à página 612: Fidelidade à vocação e ao carisma congregacional.

# QUE ESTE ANO SEJA UM GRANDIOSO MAGNIFICAT

**João Paulo, II**

Roma, Itália

*A grande e solene vigília mariana para a abertura do Ano dedicado a Nossa Senhora, teve lugar na Basílica de Santa Maria Maior, em Roma, na tarde de sábado, 6 de junho, em cerimônia presidida pelo Santo Padre para a recitação do Terço do Rosário, ato que foi transmitido para o mundo inteiro através de uma rede televisiva, em coligação com Santuários marianos dos cinco continentes. A primeira dezena contemplou o mistério da Anunciação, e foi rezado em português: durante as orações a televisão esteve coligada com os Santuários de Fátima, em Portugal, e da Penha, no Rio de Janeiro. A segunda dezena contemplou o mistério da Visitação, e foi rezada em francês. A terceira apresentou a contemplação da Morte de Jesus, e foi rezada em espanhol. O quarto mistério contemplado foi a Ressurreição, e as orações foram pronunciadas em alemão. A última dezena contemplou o mistério do Pentecostes, tendo sido acompanhada pelas orações em inglês.*

---

*(In L'OSSERVATORE ROMANO de 14 de junho de 1987, p. 1 e 3)*

*Durante a transmissão da cerimônia na Basílica de Santa Maria Maior, o programa da rede televisiva apresentava cenas de outros vários Santuários marianos, mostrando a união espiritual com os fiéis do mundo inteiro que honravam Nossa Senhora nos seus respectivos Santuários.*

*No final da recitação do Terço, o Santo Padre pronunciou a seguinte mensagem:*

## 1. Ave Maria!

*Com as palavras da saudação angélica invocamos repetidamente neste Terço do Rosário, que teve um eco mundial, a Virgem Maria, Mãe do Redentor e nossa Mãe espiritual.*

*Ave Maria! É uma saudação e uma imploração. Uma saudação de louvor Àquela que aceitou tornar-se cooperadora no nascimento do eterno Filho de Deus no tempo. É uma imploração dirigida a Deus Onipotente, mediante a intercessão d'Ela, da "cheia de graça".*

*Ave Maria! A mística invocação, alternada com as modulações do*

“Pai-Nosso” e do “Glória”, fez-nos viver um momento de comunhão espiritual profunda, que a ligação, em mundivisão, com alguns dos principais Santuários marianos tornou particularmente sugestivo. Uma consonância admirável de corações, repercutida nos cinco Continentes, em grandes templos da Cristandade e em inumeráveis comunidades eclesiais e religiosas, em lugares de sofrimento e de tratamento, de assistência e de caridade e em muitas famílias: um coro cosmopolita, de homens e mulheres, de jovens e anciãos, todos unidos na linguagem da oração.

Esta basílica romana de Santa Maria Maior, dedicada pelo meu longínquo Predecessor Sisto III “à Bem-aventurada Virgem Maria e ao povo de Deus”, tornou-se nesta tarde, que preludia o Ano Mariano, um coração a pulsar de oração, de comunhão e de caridade.

2. Santa Maria, Mãe de Deus! Rezamos nós, meditando cinco mistérios ligados à história da salvação e à presença de Maria.

Semelhante meditação conferiu um anélito de incalculável vigor às palavras escandidas pelos lábios. Ao acompanhar os mistérios do Rosário, nós somos levados a descobrir o sentido profundo da história, intimamente permeada pelo desígnio providencial da salvação, que o Espírito Paráclito vai revelando e atuando, através do entrelaçamento dos acontecimentos. Ele “anima a peregrinação terrena do homem e faz convergir toda a criação — toda a história — para o seu termo último, no oceano infinito de

Deus” (Enc. *Dominum et Vivificantem*, 64).

Orando juntos, reforçamos os vínculos de solidariedade com a inteira família humana, na convicção de que os desafios da difícil hora presente do mundo, para serem superados em benefício do homem e da sua civilização autêntica, precisam de ser enfrentados também numa generosa abertura para a dimensão transcendente.

O homem contemporâneo interroga-se algumas vezes inconscientemente, outras vezes com angústia, sobre o significado do seu avançar ao longo dos caminhos da existência. Embora esteja perante progressos sem precedentes, o homem hoje sente-se profundamente abalado pelas contradições presentes no mundo e nas pessoas, que o levam por vezes até ao ponto de duvidar do valor da própria vida. E, no entanto, o caminho do resgate acha-se inscrito no mais íntimo do coração. E aí, onde se cala todo o barulho desorientador, chega uma voz que ilumina, conforta e fortalece: a voz de Deus, Pai bondoso e benéfico, sábio e providente.

3. Ora eis, Irmãos e Irmãs, disseminados de um extremo ao outro do orbe terrestre, a mensagem que a Virgem Santíssima faz chegar a cada um, neste momento singular: Deus é amor!

Quem quer que tu sejas, seja qual for a tua condição existencial, Deus ama-te. Ama-te de modo total.

O homem está chamado à comunhão com o Criador. O nosso anelo pela verdade e pela felicidade, que

não se pode suprimir, recorda-nos isso continuamente. O homem tem necessidade de Deus.

Ave Maria! Há dois mil anos estas palavras abriram o novo curso da história da salvação, assinalado pela “plenitude dos tempos” (Gal 4, 4). E com estas mesmas palavras nós exprimimos o desejo de retornar a Deus por meio de Maria. Ela, de fato, conduz-nos a Cristo.

Ao aproximar-se o terceiro Milênio da Incarnação nós queremos consolidar as nossas relações com Deus, como garantia de novas relações de verdade e de bondade entre os seres humanos.

E Maria é o modelo exemplar da “humanidade nova”. É a Mulher em quem se realizou plenamente o desígnio de Deus. Ela é ao mesmo tempo a “humilde serva do Senhor” e a “cheia de graça”.

Percorrendo de novo, mediante os mistérios do Rosário, as etapas da obra salvífica de Cristo, nós descobrimos a maneira como Maria viveu a dimensão riquíssima — transcendente e ao mesmo tempo humana — daqueles acontecimentos, destinados a deixar um sulco indelével no caminho humano.

4. Ave Maria! Que a oração suave ressoe jubilosamente nos templos sagrados e nos santuários. Que ela marque a cadência dos passos peregrinantes pelos caminhos do tempo; dos passos do Povo de Deus que está a caminho. Que o Terço do Rosário volte a ser a oração habitual daquela “Igreja doméstica” que é a família cristã. E a oração do Rosário trará novamente ao nosso mundo, com o sorriso da Virgem Mãe, as modulações da ternura do amor de Deus pela humanidade animosa e trepidante do século vinte. São estes os votos que me brotam do coração, no limiar do Ano Mariano. Que este Ano seja um grandioso “Magnificat”, que a Igreja toda eleve ao Senhor, o qual “olhou para a humildade da sua serva” e nela e por ela fez “grandes coisas”.

Que o *Magnificat* da Virgem Maria seja o nosso *Magnificat*. Que ele contenha e apresente ao Pai o nosso reconhecimento profundo, pelo fato de, por obra do Espírito Santo, nos ter dado — mediante Maria — o seu Filho muito amado, nosso Redentor, Jesus Cristo. A Ele toda a honra e toda a glória, pelos séculos dos séculos. Amém. □

---

### Experiência inefável

“Passar para a outra margem”, Mc 6, 45, ou seja, abandonar as próprias certezas, as próprias seguranças frágeis, pode ser uma experiência assustadora. Mas correr este risco “para conhecer (experimentalmente) o poder da ressurreição de Cristo”, Fil 3, 4, é descobrir, nas coisas, o lado de Deus, é uma experiência inefável e fundamental (Pe. Marcos de Lima, SDB).

# I N F O R M E

## CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

---

---

---

---

### ECOS DO CERNE XXXV

Na cidade de Camaragibe, uns 15 km do Centro do Recife, realizou-se o XXXV CERNE. As dependências do Seminário Cristo Rei, dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, abrigaram seus participantes, 51 religiosos que ali conviveram durante 47 dias. Eram 4 sacerdotes, 7 Irmãos Maristas (sendo 2 do México), 1 irmão capuchinho e 37 irmãs, das quais duas trabalhavam no exterior: Bolívia e Angola. Ali, se encontravam 18 estados e 37 congregações representados.

O início se deu no dia 22 de junho de 1987. Na primeira semana, foram notáveis os festejos e folguedos juninos, tão significativamente celebrados naquela região nordestina. Durante o período todo, contou-se com a presença, o testemunho e a animação de vários religiosos da Regional da CRB que atuaram, ora como professores, ora como orientadores, partilhando sua sabedoria, seu amor à Vida Religiosa e ao povo e, sobretudo, comunicando sua profunda vida interior, rica e contagiante.

A todos fizeram bem a visita e a palavra dos seguintes amigos: Ir. Claudino Falquetto, Pres. da CRB Nacional; Ir. Antônio Carlos M. Ramalho de Azevedo, Membro da Diretoria Nacional da

CRB e Sup. Provincial dos Irs. Maristas do Norte e Nordeste; Ir. Cláudio Girardi, Cons. Geral dos Irs. Maristas e Ir. Kerginaldo Correia Moreira, Diretor do Colégio São Luís do Recife. Além dessas simpáticas presenças, a assessoria dada pelos Irs. Maristas facilitou enormemente o preparo e a realização do XXXV Cerne. Atividades, recados, passeios, visitas, compras, idas e vindas ao aeroporto e à rodoviária foram possíveis graças à disponibilidade, prontidão e partilha de pessoas, coisas, funcionários e obras. A todos, nosso sincero agradecimento, especialmente ao Ir. Evangelista Jacinto Guimarães, vice-diretor e tesoureiro do Colégio Marista do Recife, cernista da sessão de Brasília (Cerne anterior).

Numa tarde, privou com o grupo Pe. Jan Hubert (Humberto), Pres. da CRB Regional. Celebrou a Eucaristia e a todos dirigiu sua sábia palavra. Também estiveram visitando o grupo diversos religiosos. Uns já tinham feito o Cerne, outros pertenciam à comunidade de tal ou tal cernista. Vários encontros e diversas celebrações com as Irmãs Carmelitas colaboraram com o espírito de oração e a alegria de ser religioso, hoje.

O clima agradável muito ajudou o transcorrer do trabalho diário e exigente. Nos grupos de vivência e nos grupos de retiro orientado, os cernistas

aproveitaram da oportunidade para um crescimento mais consciente na vida pessoal e cristã, através da partilha, da oração e do compromisso mútuo. Digase o mesmo dos momentos de lazer e recreação.

O contato com a realidade local, dura e questionante, despertou admiração diante do amor concreto que muitos demonstram para com tantos irmãos nossos necessitados. Motivou, ainda, reflexões e orações no coração de cada um e na comunidade, mormente no retiro final.

No encerramento, que teve lugar no dia 7 de agosto, a CRB Regional mais uma vez se fez presente na pessoa de Ir. Maria Aparecida Bastos do Nascimento — Secretária Executiva — e de

vários membros da Diretoria que usaram da palavra após a Eucaristia.

Cinquenta religiosos concluíram o CERNE, já que uma irmã teve que se retirar no início do retiro, devido à morte do seu pai. Voltaram todos alegres a suas comunidades: mais animados como pessoas, como cristãos consagrados ao serviço do Reino; mais comprometidos com seu crescimento pessoal e comunitário, no dia-a-dia de sua missão na Igreja de Jesus Cristo. Que Maria a todos conserve nos caminhos do Senhor!

**Ir. Maria de Lurdes Gascho, CF**  
Diretora do CERNE

**Ir. Jorge Moreira Ribas, FMS**  
Diretor do CERNE

## REGIONAL DE SÃO LUÍS

### RESULTADO DA SONDAÇÃO SOBRE O TEMA INSERÇÃO E FORMAÇÃO

#### A. INSERÇÃO

<b>1 — O Número de Religiosos(as) na Regional</b>	
1.1 — Religiosos .....	174
1.2 — Religiosas .....	509
	<hr/>
Total .....	683
<b>2 — O Número de Comunidades Inseridas .....</b>	<b>75</b>
2.1 — Comunidades Inseridas-Religiosos .....	04
2.2 — Comunidades Inseridas/Religiosas .....	71
<b>3 — O Número de Religiosos(as) Inseridos(as) .....</b>	<b>208</b>
3.1 — Religiosos .....	18
3.2 — Religiosas .....	190
<b>4 — As Motivações da Inserção</b>	
4.1 — Quais são, a seu ver, os motivos que levam alguém a viver a vida religiosa na inserção?	

- Motivação evangélica: Jesus Cristo, a Quem seguimos, optou pelas classes pobres e marginalizadas. Deu testemunho disso em toda a sua vida: nascimento, vida, morte, missão.
  - Coerência com a Fé, com a consagração religiosa e fidelidade ao carisma congregacional: estar a serviço do irmão pobre.
  - A situação em que vive o povo oprimido, os seus clamores, as suas lutas, o seu grito que levou a Igreja da América Latina a uma opção preferencial pelos pobres, a qual suscitou a retomada do carisma pelas Congregações.
  - Solidariedade e participação na luta do povo pela libertação.
  - Servir a Cristo nos Pobres.
  - Fazer os Pobres sentirem sua dignidade.
- 4.2 — A convicção da presença de Jesus na História, onde o grito do Irmão sofredor desenvolve a ação missionária.
- Oração Incarnada na realidade.
  - Opção renovada todo dia: motivação evangélica, valorização do pobre descobrindo seus valores evangélicos.
  - Correspondência aos apelos da Igreja na América Latina, em sua opção preferencial pelos pobres.
  - Escuta e fidelidade às moções do Espírito Santo.

## 5 — As condições da inserção

- 5.1 — Qual é atualmente a situação da inserção em relação:
- 5.1.1 — **Ao meio social:** Desemprego, falta de terra, migrações constantes, precariedade de moradia e de saneamento básico, de saúde, invasão dos grandes projetos criando os bóias-frias, desestruturação das famílias, analfabetismo, insegurança diante dos atos improvisados do governo, discriminação, violência organizada, sincretismo religioso.
- 5.1.2 — **À moradia:** Varia de casas boas até precárias. Há Comunidades com casa própria, em casa da Diocese e em casas alugadas ou cedidas pela comunidade local.
- 5.1.3 — **À manutenção da Comunidade Inserida:** Em geral, cada comunidade se vira como pode. A Diocese assumiu compromisso com algumas congregações, mas na realidade não assume. Mantém uma ajuda irrisória para algumas irmãs, o que se consegue com grande dificuldade e até humilhação; aposentadoria, trabalho profissional, ajuda da Congregação.
- 5.1.4 — **A trabalho pastoral dos Membros das Comunidades Inseridas:** Algumas se dedicam com tempo integral à pastoral (grande número) e uma parcela com tempo parcial, porque precisam do emprego para manutenção da comunidade.

— Engajamento na Paróquia através da presença alegre, fraterna e animadora; acompanhamento aos grupos; Oração com a Comunidade; Catequese; Movimentos: Saúde — Mulher — Justiça e Paz — CPT e CEBs.

5.1.5 — **A outros tipos de trabalho:** Escola, Entidade de Educação Popular e Saúde; Educação Política, Pastoral da Criança, Pastoral da Saúde, Assistência Social, CIMI, Projetos, Mutirões.

5.1.6 — **Aos métodos de trabalho:** Metodologia do Ver, Julgar e Agir, numa dimensão libertadora, à luz da Palavra de Deus.

## 6 — O processo de Inserção

Passos mais significativos:

- a) Caminhada das CEBs que facilitou;
- b) Maior participação na vida e nas organizações do povo;
- c) Encontro com troca de experiência dos grupos comprometidos na mesma luta;
- d) A articulação das Comunidades Inseridas femininas que há cinco anos vêm se reunindo para refletir a presença e mística da religiosa no meio do povo;
- e) Mudança de lugar social pelo posicionamento ao lado dos pobres;
- f) Instalação de Noviciado em área de ocupação;
- g) Assembléia da CRB tendo o tema: **INSERÇÃO**.

## 7 — As Dificuldades de Inserção

De onde surgiram as maiores dificuldades em sua Regional?

### 7.1 — No passado:

- a) Da falta de Pastoral de Conjunto;
- b) Resistência por parte de grupos de Religiosas e Sacerdotes;
- c) Falta de Agentes para a Paróquia;
- d) Da parte do povo religioso tradicional;
- e) Insegurança sobre o grau de inserção;
- f) Formação fechada aos problemas sociais;
- g) Desinteresse e desconhecimento por parte do Bispo.

### 7.2 — Atualmente:

- a) A falta de Pastoral de Conjunto continua e se agrava;
- b) Falta de entrosamento e diálogo entre Bispo, Clero, Agente pastoral e povo;
- c) A utilização que os políticos tentam fazer da presença dos religiosos no meio do povo e de suas organizações;
- f) A mentalidade de dominação de certos vigários.

## **8 — Desafios para a Inserção:**

### **8.1 — Desafios do passado:**

- a) Diocese sem linha de ação;
- b) Migração contínua de um povo sofrido;
- c) Crescimento acelerado;
- d) Prosseguir na Inserção;
- e) Diálogo com os Superiores e Irmãs de obras.

### **8.2 — Atualmente:**

- a) Resistência das Congregações na prática dessa opção;
- b) Migrações freqüentes;
- c) Rejeição pela hierarquia (grande parte);
- d) Metodologia de trabalho (despreparo dos agentes diante da complexidade conjuntural);
- e) Sindicato do crime organizado.

## **9 — A Mística da Inserção:**

O que marca a espiritualidade das Comunidades Inseridas:

- a) Tentativa de ser com o povo;
- b) Espiritualidade evangélica franciscana;
- c) Contemplação na ação;
- d) A Palavra de Deus que reanima a vida do povo;
- e) Experiências fortes de religiosidade do povo;
- f) Experiência de alegria com o povo;
- g) O seguimento de Jesus Cristo na caminhada de libertação do povo rumo à realização do Projeto de Deus.

## **B. FORMAÇÃO**

**1 — Existem experiências de Formação? Sim. Quantas? 21.**

**2 — Origem social das Formandas:** Da classe popular, zona rural e periferia das cidades.

A diferença de origem social ... é obstáculo para a formação?

**2.1 — Sim. Como? Cultura, formação conventual. Quando as formandas são da mesma região, se atenua tal dificuldade.**

**2.2 — Não. Todos são de origem popular.**

**2.3 — Não, apesar das diferenças e dificuldades.**

**3 — Quais são as motivações para uma formação inicial na Inserção?**

— Manter as raízes populares, no seguimento de Jesus.

— Fraternidade aberta a todos.

- Formação inicial que leve a uma vivência da consciência crítica.
  - Estilo de vida de acordo com o próprio ambiente de origem da formanda.
  - Vivência social a partir de recursos limitados em solidariedade, ao povo sofrido.
- 4 — Quais são as vantagens e desvantagens de uma formação inicial na inserção?**

### **VANTAGENS**

- Não há quebra de estrutura da pessoa.
- Fé e obediência mais adulta.
- Compromisso com a realidade.
- Desperta a jovem para os valores da solidariedade, fraternidade e participação.
- Dá continuidade à sua realidade vivencial.
- Facilidade de evangelização.
- Conservação das raízes.
- Ajuda a conceber a Vida Religiosa como serviço, e não como fim em si mesma.
- Formação da Irmã "Pé no chão".

### **DESVANTAGENS**

- Falta de ambiente para contemplar o Cristo histórico.
- Falta de possibilidade para a participação cotidiana da Eucaristia.
- Falta de possibilidade para interiorização.
- Carência de recursos culturais, humanos e pedagógicos para a formação da iniciante.
- Conflito de irmãs de inserção e de instituição absorvido pelas formandas.
- Não há desvantagens mas dificuldade em conciliar o projeto apostólico com a necessidade de aprofundamento de conteúdos básicos.

### **5 — DIFICULDADE**

- a) Falta de adaptação da jovem do campo à periferia;
- b) Isolamento de outros formandos e formadores. Estudo.

### **6 — Quais são os maiores desafios para a própria formação inicial na inserção?**

- a) Dar tempo para isso: não se dá em pouco tempo. Comunidade com o mesmo objetivo. Equilíbrio de Vida x Missão; oração x estudo;
- c) Falta de aceitação pela congregação;

- d) Acertar um equilíbrio: entre abertura e recolhimento; entre estilo de vida e um sadio ajustamento às necessidades básicas; entre formação e ações da inserção; entre experiências meramente humanas e indispensavelmente espirituais-místicas;
- e) Formação em profundidade aberta à dinâmica do provisório;
- d) Congregações busquem meios de sanar certas dificuldades, programando em comum os recursos de formação.

## 7 — METODOLOGIA

- a) Formandas integradas na Comunidade;
- b) Equilíbrio entre aprofundamento (estudo), Fé, e também um trabalho que não absorva todo tempo;
- c) Ação — Reflexão;
- d) Espaço para as jovens;
- e) Clima de confiança e liberdade;
- f) Formação a partir da pessoa do formando, onde o responsável não dá. Todos dão. Todos aprendem;
- g) Formação para a partilha, escuta, diálogo, etc.: Ver — Julgar — Agir — Avaliar — Celebrar.

A nossa metodologia está ainda em fase de experiência. Temos um projeto geral de noviciado. Cada fim de mês avaliamos por oração e reflexão nossa caminhada interna e externa — durante um dia inteiro. O que nos fez crescer, preservamos, o que causou impasses, questionamos e tentamos viver com outros meios.

## CRB — Regional de São Luís, MA Secretaria Regional

## REGIONAL DE SALVADOR

XXI ASSEMBLÉIA GERAL DA CRB REGIONAL DE SALVADOR: 25 a 27 de setembro de 1987.

“PROFETISMO DA VIDA RELIGIOSA NA CONJUNTURA ATUAL”. SÍNTESE DO TRABALHO PREPARATÓRIO, FEITO ATRAVÉS DE QUESTIONÁRIO.

### 1 — OS ENCONTROS DE SETORES

A carta enviada com o roteiro para preparar a XXI Assembléia Regional da CRB, pedia que se considerasse o as-

pecto da “conjuntura brasileira” — tema da próxima Assembléia — no desdobramento das propostas surgidas na XX Assembléia e nos encontros de setores. Relendo os relatórios desses encontros, transcrevo aqui algumas sugestões encontradas.

Em geral, afirma-se que a realidade tem influência sobre a comunidade religiosa e sobre a missão apostólica. Na descrição do papel do agente de pastoral, aparecem como importantes o contato com o povo, uma visão crítica da realidade reconhecendo o peso da estrutura capitalista, a preocupação

com a organização popular e a luta por um mundo novo.

O relatório do encontro dos EDUCADORES fala do movimento sindical e das greves; acha importante discutir a relação: Escola Católica e Sindicato Patronal. De um lado, revela a ligação da educação com o sistema capitalista, de outro, mostra a influência da realidade social (sobretudo através das Campanhas da Fraternidade e da abertura para setores populares) para a renovação dos colégios.

O relatório do Seminário sobre SAÚDE COMUNITÁRIA dá alguns traços da realidade social: povo disperso e conformista, famílias numerosas, analfabetismo, tabus e credices, luta pela sobrevivência, governo usando a linguagem da Igreja... Em particular, considera a indústria dos remédios, o não funcionamento do INAMPS (pago pelos trabalhadores) e a burocracia dos Hospitais. São apontadas as causas estruturais, sobretudo o capitalismo com sua filosofia individualista. Uma luz talvez apareça: A Constituinte!

Os relatórios sobre INSERÇÃO apontam as características dessa última:

— segue a Encarnação de Jesus: é um tornar-se pobre;

— exige uma mudança de mentalidade e de lugar social;

— é um apreender com a vida, um assumir a vida do povo;

— construção, junto com o povo, da libertação;

— pequena comunidade.

Aparece a situação das periferias urbanas e das favelas: falta de higiene,

poluição sonora, violência, prostituição, delinquência, desemprego, analfabetismo, mortalidade infantil, falta de transporte, fome, bebedeiras, etc. Apontam como mudanças mais gerais a Reforma Agrária, as invasões, as greves, a multiplicação das seitas, o reino da Igreja.

## 2 — O QUESTIONÁRIO

Foram devolvidos **30 questionários** (número considerável), preenchidos por **5 núcleos e 31 comunidades**, por um total de cerca de 186 religiosas e 18 religiosos. As respostas provêm de 14 dioceses: Salvador, Bonfim, Paulo Afonso, Juazeiro, Alagoinhas, Irecê, Barra, Lapa, Jequié, Itabuna, Caravelas, Amargosa, Propriá e Estância. Chegaram duas respostas de Colégio e nenhuma de Hospital.

Há grande diversidade entre as respostas: umas mais breves e genéricas, outras mais completas e abrangentes; umas descritivas, com casos ou fatos bem interessantes, outras sintéticas ou tentando relacionar. Há respostas que revelam uma longa prática de análise. Algumas dão uma interpretação da situação.

Aparece um quadro da conjuntura Bahia-Sergipe relativamente amplo e completo. Aparecem também a visão e o tipo de abordagem desta mesma realidade que os religiosos têm. De realidades semelhantes ou de certos fatos são oferecidas interpretações bem diferenciadas entre si, que não se explicam somente pela diversidade das situações objetivas. Por exemplo, são diferentes a visão do povo, a interpretação dos projetos do governo, a descrição de realidades próximas, etc. Isso pode ser importante, quando teremos que descobrir os critérios (as condi-

ções) do profetismo. As diferentes visões revelam um certo "subjetivismo" que pode depender de vários fatores: lugar de observação, instrumento de análise, visão da sociedade, etc. Não pretendo fazer uma síntese dos relatórios. Somente apresento algo de significativo, numa escolha evidentemente parcial e questionadora.

### 3. CONJUNTURA LOCAL

#### 3.1 — Características gerais

Pelos relatórios, constatamos uma grande **diferenciação e complexidade** de situações: beira-mar e interior, periferias e urbanas e vilas-povoados, posseiros e bóias-frias, operários e desempregados, elementos culturais africanos, etc. Evidentemente, prevalece o "rural", situação ainda bem típica do Nordeste, apesar das migrações para as cidades. A diversidade é contestada também a nível de organizações populares: em certos lugares não existe quase nada, noutros há lutas, CEBs, sindicatos com longa história...

Há um **processo acelerado de transformação** econômica, social, política e cultural. A rápida modernização do interior (mas coexistem situações "feudais") depende da entrada sempre maior do capital: grandes empresas nacionais e estrangeiras, projetos econômicos e sociais, barragens, grilagens de terra; depende também das mudanças políticas, das migrações e da maior presença de turistas.

Essas duas primeiras constatações nos alertam sobre a necessidade de um acompanhamento e aprofundamento constantes da realidade. Uma aproximação superficial e genérica não é mais suficiente.

Aparece, violenta, uma **situação de crise** ("situação caótica"): violências, conflitos, condições subumanas de sobrevivência, falta de esperança... o povo é "sofrido" e explorado. Todos os índices sociais estão abaixo do mínimo. É a tônica que mais aparece nos relatórios. Lembro, a esse propósito, que o profeta é alguém que denuncia e questiona porque a situação é de crise.

#### 3.2 — As iniciativas do pólo dominante

##### A — Modernização capitalista

"Querem fazer de Juazeiro a capital da irrigação". Vale para muitos lugares dos dois estados, mudando o empreendimento econômico segundo as regiões. A política do governo favorece as empresas rurais, sobretudo aquelas voltadas para a exportação (café, cacau, gado, melão ...). Favorece os projetos de reflorestamento, o Pró-Alcool, os projetos energéticos (barragens, usinas). Continua o processo de concentração da terra, realizado com todos os meios legais e ilegais. Muitas vezes a terra é utilizada só para fins especulativos.

Tal política econômica tem graves conseqüências para os trabalhadores.

##### B — Migração

Os lavradores são obrigados a deixarem suas terras. "O povo foi obrigado a mudar de lugar, de ritmo, de costumes, deixando suas raízes, suas terras, sua vida." Vão para outros lugares do interior (Maranhão, Pará, Rondônia, Mato Grosso...), para as capitais (sobretudo S. Paulo), para as cidades e povoados dos dois estados.

Nas cidades encontram aquela situação de sofrimento descrita em todos os relatórios: "Todo mundo desconhecido, mais despesas com comida, água, aluguel, mais desespero e desvalorização, fugas mais fáceis na bebida e no jogo e, o problema mais grave, falta de emprego."

### **C — Bóias-frias**

Vários relatórios falam desta realidade (Teixeira de Freitas, Itabela, Lapa, Juazeiro, Propriá, Entre Rios). "A maioria da população vive, hoje, nas periferias das cidades, mas trabalha como bóias-frias na zona rural, saindo de manhã cedo nos caminhões pau-de-arara e voltando tarde da noite (70% do povo)". "Os lavradores chutados de suas terras vão se tornar bóias-frias, ganhando um salário de fome para sobreviver". "90% dos habitantes não têm emprego fixo: são diaristas, bóias-frias, lavradores."

"Viajam distante, de madrugada, em condições desumanas, voltando tarde da noite, nem tendo mais contato com a família, vizinhos e muito menos comunidade. São absorvidos pelo trabalho. É preciso produzir mais e mais." Há um grande desrespeito às leis trabalhistas e o emprego é mal remunerado, sendo habitualmente abaixo do mínimo e discriminando mulheres e menores.

### **D — Desemprego e custo de vida**

É quase unânime a constatação do grande desemprego (e subemprego). Os números são assustadores: de 50 a 90%! "Dentre 5 pais de família, 3 estão desempregados". "O desemprego é geral, pois não existe onde tra-

balhar". São certamente afirmações radicais, mas são reveladoras de uma situação.

Igualmente, pelo que se refere ao salário versus custo de vida. "Enquanto o salário sobe em 20%, o custo de vida em 100% e até 200%". Há uma relação "muito desproporcional". "O salário não é suficiente para suprir as necessidades. A mão-de-obra das mulheres e das crianças é explorada. Professor leigo morre de fome se não for ajudado pelos pais dos alunos. As diárias são salários de miséria". Alguém pergunta: "Como é possível viver?"

### **E — Saúde — Educação — Moradia**

A situação nestes setores é bem conhecida: quase todo mundo sintetiza na palavra "precária". Aparecem o alto grau de mortalidade infantil e ainda as doenças sociais.

### **F — A autoridade política**

As autoridades políticas estão comprometidas com o sistema capitalista, a serviço dos grupos dominantes. Fala-se de corrupção na administração, de verbas desviadas, de funcionários fantasmas. Só um relatório afirma que o povo está contente com seus líderes políticos.

Os partidos políticos aparecem quase sempre e quase todos comprometidos só com seus currais eleitorais, fazendo promessas que não são cumpridas e falando falsidades. Alguns usam hoje a estratégia das CEBs para formar associações e assim descobrir seus chefes políticos dentro das comunidades.

Um caso bem difundido: "Após a tomada de posse do novo governador da

Bahia, há expectativas e conflitos entre as pessoas que ocupam cargo na cidade. Aqueles que lutaram pela vitória do PMDB querem tirar os que perderam do PDS."

## G — A Igreja omissa

O aspecto de dominação da Igreja aparece só nalguns relatórios sobretudo pela omissão: não manifesta publicamente seu repúdio diante de uma situação de injustiça e não se solidariza com o movimento popular em defesa da vida dos pobres. Alguns setores da Igreja estão mais a serviço dos grandes e não apóiam a conscientização e organização popular. Falam da pobreza, mas nada fazem.

Os conchavos e as trocas de favores entre Igreja e autoridades municipais e estaduais colaboram para manter submisso o povo. São questionados o assistencialismo e o sacramentalismo. É um tipo de Igreja que não acordou para o profetismo.

## 3.3 — As iniciativas dos setores populares

### A — Nossa visão do povo

Os relatórios apresentam duas visões de povo dificilmente conciliáveis entre si.

De um lado afirma-se que o povo vive de esperança: "é realmente artista em encontrar meios e maneiras novas de sobreviver. Tem resistência e perseverança na busca". "O povo mantém-se de cabeça erguida e disposto a conservar seus valores". "Tem uma resistência fora do comum". "É solidário e divide as coisas".

Doutro lado se diz que o povo está desiludido, marcado por uma "forma-

ção dogmática, cristalizada e rígida". Não tem consciência da classe, nem consciência de trabalho em grupo. "Há um estado geral de submissão e apatia. Há medo e falta de ânimo para entrar nas lutas de reivindicações".

Em lugares próximos, num o povo está lutando e se organizando, no outro não há nada, só silêncio e desunião. Fica levantada a pergunta: por que tal diferença? Por que de um lado o povo aparece ativo e criativo e, do outro, passivo e cristalizado?

### B — A sobrevivência do povo

"O povo sobrevive por milagre, dividindo com os que têm menos o pouco que tem". "Vive de teimoso". "Nem nós mesmos entendemos como este povo vive", confessa uma comunidade. Contudo, aparecem várias iniciativas para sobreviver:

— Criam-se pequenas indústrias caseiras como fabricação de geladinho e do picolé; as janelas dos barracos se transformam em vendas; são vendidos cigarros, cocada, pinga ...

— Muitos vivem de biscate, tornam-se revendedor, pescador, pedreiro, camelô; lavadeira é também faxineira e revendedora; catam lixo.

— O povo sobrevive com salário de fome. Procura emprego por toda parte trabalhando em qualquer parte do mundo: Bahia, Minas Gerais, Rio, São Paulo, etc. Tem gente que vai até aos Estados Unidos. Plantam o seu feijão em terras alheias, na beira da estrada ou verdura na beira do rio.

— Se submete às condições impostas pelos patrões: insalubridade, dis-

tância, empreitada, mais de oito horas de trabalho, salário baixo, trabalho de menores, etc.

— A feira é reduzida cada semana, comprando só o necessário para comer. Os alimentos são racionalizados ou suprimidos: não se come mais arroz, o pão é substituído por cuscuz de milho.

— Recorre-se à Cesta Básica, L.B.A., Casas de Beneficência, e à Igreja.

— Uns mendigam nas casas, nas rodoviárias, nas repartições, outros realizam pequenos roubos nas casas comerciais, nas roças, nas casas, etc.

### **C — As lutas mais organizadas**

A exceção de alguns lugares onde parece não haver reivindicações, nem maiores organizações populares, em muitas regiões o povo não somente sobrevive, mas reivindica e se organiza. São enumeradas as lutas pela terra (no campo e na cidade), água, salário justo, emprego, estabilidade, aposentadoria, transporte, moradia, escola gratuita, saúde, saneamento básico, segurança, luz, política agrícola justa, sementes, correio, estrada, escadaria ...

Vários são os instrumentos utilizados e as formas de organização: reuniões, encontros, curso de formação, círculos de cultura, grupos, abaixo-assinados, cartas, passeatas, faixas, cartazes, cantos, greves, rádios, jornais, teatro, mutirões, clube de mães, CPT, associações, sindicatos, partidos, movimentos (exemplo, SEM TERRA). Fala-se mais de sindicato autêntico e de CUT. Os partidos do povo são considerados ainda fracos, com pouca expressão. Há o caso de um candidato popular escolhido pelo povo. Fala-se mais do P.T.

Alguns encontram manifestações de luta do povo também na música, nos versos, danças, romarias, procissões, via-sacras..., na busca de manter suas tradições e cultura. As lutas têm resultados — não sempre — imediatos. Um relatório considera a participação do povo, dando destaque às mulheres, como conquistas das lutas.

### **D — Os aliados do povo**

Em todas as iniciativas do povo, a Igreja tem sido — em muitas regiões — uma força presente através da atuação de leigos, religiosos(as) e padres. Nem sempre acontece isso. Só alguns setores da Igreja apóiam. São citados: as CEBs, as pastorais específicas da terra, operária, saúde e da pesca; grupos de jovens e grupos de rua; novenas em família; Centro Defesa Direitos Humanos, grupos S. Bento, etc. Um relatório reconhece que ainda é difícil para as CEBs partir para um apoio amplo e aberto às lutas populares e para a denúncia das injustiças. Ainda não sentem essas lutas como parte da ação das comunidades.

Alguns relatórios falam de outros aliados: advogados, agrônomos, funcionários de órgãos do governo, uns partidos (sobretudo o PT).

Apresenta como exemplo o caso particular de uma noviça apoiando a categoria dos bóias-frias. "Querendo conhecer a vida e dificuldades do povo, começou a fazer visitas diariamente num bairro da cidade. Alí encontrou muitas casas onde crianças cuidavam uma da outra, enquanto mães e às vezes, os pais trabalhavam numa das firmas de reflorestamento como diarista. Para se aproximar do povo, ela resol-

veu acompanhar este pessoal um dia, saindo com eles no caminhão de madrugada e trabalhou o dia todo ao lado deles. Na terceira vez o cabo de turma desconfiou dela e a mandou embora, a pé, 45 km da cidade. Vendo que não era possível continuar deste jeito, ela começou a encontrar e conversar com os bóias-frias das 4:45hs às 5:20hs da manhã, quando o pessoal esperava para pegar o transporte para as fazendas. Aos poucos achou 2-3-4-5-8-10 pessoas, mais ou menos com o desejo de reunir-se e conversar sobre as dificuldades que enfrentavam no trabalho. Incentivados pelas dificuldades surgidas, principalmente para as mulheres, mães de família, quando a firma cortou o sábado como dia livre, umas pessoas falaram "CHEGA" e tentaram levar à frente uma luta para reaver o sábado livre, pelo menos de 15 em 15 dias. Muita insegurança e o medo de perder o único emprego na área, tornaram muito difícil a organização do povo. Conseguiram fazer um abaixo-assinado com uns 80 bóias-frias do bairro e mais um grupo de Alagoinhas e de outro povoado. Por um tempo foi liberado o sábado de 15 em 15 dias. Animado pela vitória, um grupinho de umas 10-15 pessoas começou a se reunir para refletir sobre seus direitos de trabalho usando subsídios simples. Aos poucos uns membros assumiram a preparação e coordenação das reuniões... até foram para um outro povoado para incentivar os bóias-frias daquele lugar a se organizarem. Uma Missa dos Trabalhadores no dia 01 de maio junto com um encontro realizado durante a mesma tarde sobre a realidade do trabalhador rural e uma passeata deram mais ânimo e confiança na convicção que Deus, de fato, está ao lado dos oprimidos."

## E — Visões diferentes

Um relatório apresenta entre outras dificuldades o seguinte: existem visões diferentes nos trabalhos pastorais e nas organizações populares. Há diferentes interpretações da realidade, diferentes orientações de trabalho, diferentes táticas... Se outros não falaram disso, os próprios relatórios, por sua diversidade são uma confirmação desta dificuldade. Fica registrada aqui, exigindo maior aprofundamento.

## F — Para terminar com um caso "limite"

Apresento, em síntese, o relatório de Juazeiro descrevendo o trabalho com prostitutas. Penso seja ilustrativo de uma realidade e de tensões presentes, de maneiras diferentes, em toda a pastoral popular.

Por falta de emprego as mulheres se prostituem, tendo uma vida de insegurança onde não há proporção entre salário e custo de vida. Na zona não há saneamento básico. As pessoas estão em contato direto com a sujeira e o lixo. Há lepra, tuberculose, doenças venéreas, etc. Todos são analfabetos. Sua sobrevivência é precária: passam fome, miséria, sujeitas à morte precoce. Podemos dizer que têm uma vida vegetativa.

O governo tem uma atitude de indiferença e de desprezo total. Seu projeto é de confinamento, levando a zona para a periferia. A polícia espanca com facilidade. As Igrejas contribuem aumentando o preconceito, a alienação e o fatalismo e, às vezes, procurando ajudar com o assistencialismo para tranquilizar a consciência. A única forma

para sobreviver é vender o próprio corpo. A miséria é tão grande que as prostitutas não conseguem reagir: são passíveis, acomodadas, omissas. Sua religião é bem particular e individual, por isso não leva à luta.

Contudo, as prostitutas reivindicam, sobretudo, dignidade, trabalho, moradia, escola e saúde. Existe um trabalho de conscientização e de organização através de reuniões, conversas informais, grupos de categoria, passeatas, associação... Quem ajuda são alguns agentes de pastoral, sujeitos à tentação do desânimo, por que a opressão é grande e não se vê como mudar o sistema. A Igreja, apesar da opção pelos pobres, ainda não assumiu em concreto esta pastoral. Há grupos isolados tentando fazer alguma coisa, mas com dispersão de forças.

### 3.4 — Conjuntura dos Colégios

Dois relatórios apresentam a situação dos colégios. As relações que se colocam para o religioso educador dentro da escola, por alguns, são consideradas como relações empresariais: empregado e empregador. Entretanto, para aqueles que se sentem vocacionados, tais relações não são consideradas e não tiram o direito de viver num clima fraterno e de confiança.

A situação econômica das famílias dos alunos é muito difícil, até para os que têm condições melhores. Isso é percebido pelo atraso do pagamento, os pedidos de bolsa, transferências para escolas públicas. As anuidades são baixíssimas e não cobrem as despesas da escola. Por essa razão o salário dos professores é baixo e o salário mínimo deixa os funcionários numa situação

precária. Com o plano cruzado, a anuidade foi reduzida e o colégio entrou em déficit.

Outro relatório afirma que com a greve dos professores e o reajuste das mensalidades dos alunos, os religiosos foram considerados ricos e exploradores por alguns. Mas há famílias que reconhecem o sacrifício e os esforços neste trabalho.

### 4 — Conjuntura Nacional

Foram propostos vários temas para posterior aprofundamento. Os mais pedidos foram: o Plano Cruzado e a Constituinte. Entraram também: crise econômica e política (inflação, aumento de preços, desemprego, recessão, déficit orçamentário, dívidas interna e externa, mudança de ministros), Política-gem da Reforma Agrária (UDR — Trabalhadores Rurais), os governadores do Nordeste e Sarney, eleições da CNBB, 90 anos da guerra dos Canudos, menor abandonado.

### 5 — Preparando a Assembléia

Os trabalhos da Assembléia já começaram com a reflexão feita em muitas comunidades e nalguns núcleos. Agora esta breve e parcial síntese é enviada a todos os participantes. Pode servir para como aprofundamento de alguns pontos ou questões que acharem interessantes. Pode ser levantadas algumas "palavras-chave" porque carregam consigo uma particular luz reveladora da conjuntura ou para serem aprofundadas. Podem ser indicados os "vazios": por exemplo, só um relatório falou da problemática racial. O relatório servirá como pano de fundo nos três dias do encontro para ficarmos

sempre amparados num chão bem concreto.

A análise da conjuntura BA-SE revela uma situação "caótica" e, também, sombria. Há grande insatisfação. "O povo está sonhando, diz um relatório, e sempre aparece o contrário." O desânimo está se alastrando. Esta situação constitui-se num grande desafio para uma vocação de profetas. Desde já, devemos meditar e rezar, à luz da fé, partindo desta conjuntura, para descobrir os apelos concretos de Deus. Com essa preparação, talvez, na Assembléia se possa chegar ao compromisso comunitário. Por último, lembro, para aqueles que queiram aprofundar mais a conjuntura, as "Políticas Governamentais" (IBASE, R. Vicente de Souza, 29 — Botafogo — 22241 Rio de Janeiro, RJ).

**Pe. Cláudio Perani, SJ**

## **REGIONAL DE BELO HORIZONTE**

### **MISSÃO DAS IRMÃS DA PROVIDÊNCIA DE GAP NA REPÚBLICA DO BENIN**

A República Popular do Benin, ex-Dahomey, é um pequeno país da África Ocidental. Sua colonização pelos franceses durou até 1960, data de sua Independência. Esta Independência nasceu num contexto difícil que não permitiu ao país e aos seus novos dirigentes os meios necessários e sólidos para responder a um desenvolvimento harmonioso de todos os seus habitantes (na época, mais ou menos 3 milhões, hoje 1.400.000).

Como toda colonização, a do Dahomey tinha antes de tudo, por fim, fornecer à Metrópole, uma maior influência política, uma expansão cultural e sobretudo a obtenção de matéria-prima para sustentar as indústrias do país colonizador. De 1960 a 1972, o país viveu uma instabilidade política constante que não favoreceu uma caminhada em busca de um verdadeiro desenvolvimento. Seu processo político girava, nesta época, em torno de uma rivalidade entre pequenos grupos, sem nenhum benefício para o povo.

Pouco a pouco, sobretudo o mundo intelectual e sindical exprimiu seu descontentamento e desejo de mudança. O sistema capitalista escolhido pelos primeiros dirigentes do país não tinha melhorado em nada a vida do povo. Essa opção tinha apenas criado privilégios para uma pequena minoria. Daí a busca de solução no Marxismo. A formação dos dahomeanos na França e mesmo a formação intelectual em alguns liceus locais, os havia conduzido nesta direção.

Em 1972, iniciou-se a Revolução que, em 1974 se definiu como Marxista-Leninista. Uma nova esperança brota no país na perspectiva do desenvolvimento desfrutado por todo o povo. Assim, a Lei Fundamental (para organização política e administrativa), a "Escola Nova" — as novas leis sociais visaram devolver a DIGNIDADE E O PODER AO POVO, dando-lhe CONFIANÇA em suas próprias forças. Infelizmente, as condições econômicas do país (ausência de indústria e de tecnologia agrícola), a desorganização dos camponeses (80% da população), a desarticulação dos funcionários com o povo — não permitiram o êxito esperado pela REVOLUÇÃO.

Atualmente, a Revolução se acha desfigurada. É neste contexto que as Irmãs da Província de GAP se engajam num trabalho de Igreja. Com duas Comunidades no Sul do país (região mais desenvolvida) e duas no Norte (Bispos mais abertos), nossa Congregação assume com a Coordenação de uma Província da França e a participação pessoal de todas as Províncias, esta atividade missionária.

A partir de 15 de março deste ano, integro nossa segunda Comunidade do Norte, fundada naquela data. Integramos a Diocese de Parakou, na Vila de Wenu e a partir de outubro próximo, residiremos definitivamente em N'DALL, uma vila bem próxima, onde estamos construindo nossa casa. Esta casa acolherá também nossas Postulantes.

Nosso Bispo, Dom Nestor ASSOGBA, autóctone, tem uma boa proposta de Igreja. Acabamos de realizar agora, em maio, a Assembléia Diocesana que me fez conhecer um pouco mais desta caminhada que vinha percebendo no dia-a-dia através dos diferentes contatos que tive desde nossa acolhida aqui junto deste povo. Para mim, o grande desafio é a articulação da vida real com a Fé, fazendo desta caminhada concreta, um acontecimento do Reino, neste contexto histórico.

Sofremos o limite do desconhecimento da riqueza cultural deste povo, que está ligada profundamente à língua. O povo mesmo não fala o francês, língua oficial; existem, neste pequeno país, umas vinte línguas de povos diferentes. Em nossa Diocese, predomina o Bariba, que nos propomos a aprender. Por enquanto, nossa Comunidade tenta viver com o povo: a água no poço, a iluminação a querosene; as visitas, os conta-

tos informais, as celebrações na vila e na zona rural — a SOLIDARIEDADE E A FRATERNIDADE DE NAZARÉ.

O povo já nos tem ensinado muito de hospitalidade, de acolhida e partilha desde o presente de uma bacia d'água carregada à distância, na cabeça (às vezes com o filhinho nas costas), ao inhame cozido e pilado, prontinho no dia da Festa do nosso Fundador. Eis aí, o pouco do que fui capaz de perceber até então. Não sei o quanto lucidamente, dos apelos de Deus para nós aqui e agora junto do seu povo.

Que possamos, aí na nossa Regional de Belo Horizonte (Minas e Espírito Santo) e aqui neste cantinho da África, em grande Comunhão e Participação, CELEBRAR O REINO DE IRMÃOS nos desafios da História. Que a prioridade da CRB — MISSÃO AD GENTES — possa colher os seus frutos na generosidade de nossa Pobreza Latino-Americana.

R. P. DO BENIN — WENU, 14 DE MAIO DE 1987.

**Ir. Regilena Muniz Franco**

*In BOLETIM INFORMATIVO da CRB Regional de Belo Horizonte, maio-junho/1987.*

## **REGIONAL DE SÃO PAULO**

### **CENTENÁRIO DE FUNDAÇÃO E PRESENÇA NO BRASIL DOS MISSIONÁRIOS DE SÃO CARLOS ESCALABRINIANOS**

Há cem anos um homem dirigia seu olhar sobre alguns homens simples e pobres que migravam. Esse homem

era **DOM JOÃO BATISTA SCALABRINI**, Bispo de Placência na Itália.

Ele mesmo, em 1904, pouco tempo antes de sua morte, escrevia: "Em Milão, há vários anos, assisti a uma cena que me deixou na alma um sentimento de profunda tristeza. Passando pela estação, vi no salão, os pórticos laterais e a praça vizinha tomados por trezentas ou quatrocentas pessoas mal vestidas, divididas em diversos grupos. Sobre suas faces transparecia a agitação dos sentimentos que invadiam seus corações naquele momento. Eram anciãos curvados pela idade e pelas fadigas, homens na flor da idade, senhoras que arrastavam os filhinhos atrás de si, meninos e meninas, todos irmanados por um só pensamento e guiados por uma única meta. **ERAM MIGRANTES**. Esperavam o trem que os levaria para as praias do Mediterrâneo, donde zarpariam para as longínquas Américas."

**DOM JOÃO BATISTA SCALABRINI** agiu em favor deles, oferecendo a riqueza de sua fé e de sua compaixão, de sua reflexão e capacidade organizativa. E, para que sua paixão pelo **Migrante** continuasse viva na história, fundou a **CONGREGAÇÃO DOS MISSIONÁRIOS DE SÃO CARLOS — ESCALABRINIANOS**, para os Migrantes Italianos nas Américas. Hoje, **CEM ANOS** após, a Congregação, fiel ao espírito Missionário e Universalista de seu Fundador, **DOM JOÃO BATISTA SCALABRINI**, estende seu olhar a realidades migratórias mais amplas e mais dramáticas.

Através de seus setecentos membros e de sua presença em vinte países, em três Continentes, acrescentou às antigas fontes italianas, novas águas provenientes do Brasil, da Argentina, do México, das Filipinas, da América do

Norte, da América Central e Latina. Os Escalabrinianos comemoram seu Centenário de vida como uma Congregação internacionalizada e a serviço dos Migrantes de todas as etnias, com atenção especial aos mais necessitados, aos que mais agudamente vivem o drama da migração.

Em agosto de 1888, oito meses após sua Fundação, a Congregação, através de seus Missionários chegava ao Brasil nos estados do Espírito Santo e do Paraná. Os Missionários migravam junto com os migrantes. Alguns anos depois fazia-se presente junto aos migrantes italianos em São Paulo e no Rio Grande do Sul.

Muita injustiça, muita dor, sofrimento e morte conheceu o Migrante italiano (europeu) que vinha para branquear a população e substituir a mão de obra escrava. Muito pioneirismo, dedicação, espírito apostólico foram as virtudes dos primeiros Missionários Escalabrinianos que aqui vieram e tombaram em favor dos Migrantes.

Hoje, no Brasil, a Congregação atua junto aos migrantes limítrofes Latino-Americanos, e junto aos Migrantes Internos. Os Escalabrinianos marcam presença nas periferias das grandes cidades, dos galpões dos Bóias-Frias no interior do Estado de São Paulo, junto aos migrantes em trânsito, através de vários Centros de Pastoral Migratória, junto aos migrantes no Mato Grosso, Rondônia e Acre, além de outras formas de atuação e presença em comunhão com a Igreja. No Brasil e no Mundo os migrantes são muitos e os missionários são poucos.

Mas assim mesmo a Congregação celebra com Alegria e Esperança seu

Centenário, fazendo um ato de fé no homem migrante e em suas possibilidades de justiça e fraternidade, e sobretudo um ato de fé no Espírito de Deus, que através de Scalabrini, suscitou sua existência para que através da Vida Religiosa Apostólica se coloque a Serviço do Reino de Deus, na Igreja, colocando-se a serviço dos migrantes mais pobres e necessitados.

**Pe. José Carlos Pedrini, CS**

## **CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL-1**

Brasília, 10 de agosto de 1987  
P — nº 975/87

### **REPÚDIO ÀS ACUSAÇÕES CONTRA O CIMI**

Surpresos, tomamos conhecimento da matéria publicada no jornal "O Estado de São Paulo", em sua edição de domingo, 09/08, afirmando que o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), órgão anexo à CNBB, estaria engajado em suposto projeto de conspiração internacional propugnando o conceito de soberania restrita do Estado brasileiro sobre as áreas indígenas. A matéria revela leitura tendenciosa das atividades da Igreja e se baseia em informações absolutamente falsas. Manifestamos o veemente repúdio às afirmações de "O Estado" que visam claramente varrer da futura Constituição a garantia dos direitos indígenas.

1 — O CIMI nunca postulou junto à Assembléia Nacional Constituinte o estabelecimento do estatuto de soberania restrita para as nações indígenas.

2 — O CIMI não é vinculado ao Conselho Mundial de Igrejas e tampouco o representa. Da mesma forma desconhece o documento identificado como "Diretriz Brasil nº 4 — ano 0". Quanto ao citado documento de Barbados ele não foi assinado pela Igreja. O único brasileiro que o assinou foi o conhecido antropólogo Darcy Ribeiro.

3 — O CIMI não possui nenhum arquivo secreto. Como qualquer organização privada ou oficial, o órgão indigenista possui arquivo para pesquisas e documentação. O CIMI nega ainda a existência de carta atribuída a seu secretário executivo.

4 — O relacionamento do CIMI com comunidades cristãs e entidades solidárias de outros países objetiva o fortalecimento da solidariedade humana em torno da defesa da vida das comunidades indígenas, sem nenhum propósito de incentivar ou propiciar ingerências indevidas na condução dos assuntos internos do Brasil.

5 — A proposta do CIMI à Constituinte é de que o Brasil seja reconhecido como um estado pluriétnico sob cuja soberania convivem, além da sociedade majoritária, várias nações indígenas, a exemplo de constituições modernas de outros países. Não corresponde à verdade a afirmação de que o CIMI defende a soberania restrita da União sobre as terras indígenas.

O CIMI propõe ainda a demarcação das terras indígenas garantindo aos povos nativos o usufruto das riquezas nelas existentes.

Essa proposta é fruto de debates e estudos interdisciplinares e visa garantir a sobrevivência física e cultural das nações indígenas no Brasil, até hoje ví-

timas de um processo de extermínio que envergonha o país e contra o qual já bradaram personalidades como José Bonifácio, Marechal Rondon e muitos outros patriotas.

Todas as emendas encaminhadas pelo CIMI à Assembléia Nacional Constituinte privilegiam claramente a União Federal, o que evidentemente não agrada às empresas de mineração e aos interesses do capital internacional.

6 — O CIMI nunca se opôs a medidas militares que visem a garantia de nossas fronteiras como está bem explicitado na nota oficial divulgada em outubro de 1986, quando se tornou público o projeto Calha Norte: "O CIMI como as próprias comunidades indígenas, não se opõem a providências dirigidas ao bem-estar da população amazônica e à guarda das fronteiras brasileiras. Não admite, porém, que modelos autoritários de desenvolvimento sejam, mais uma vez, implementados às custas dos povos indígenas".

7 — Seria oportuno que o Congresso Nacional, a bem da verdade, constatasse a improcedência das denúncias formuladas pelo jornal "O Estado de São Paulo".

8 — A Presidência da CNBB aguardará as matérias posteriores anunciadas pelo "O Estado" para proceder a seu exame total e tomar as providências cabíveis, inclusive a nível judicial, se for o caso.

### **Presidência da CNBB**

## **CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL-2**

Brasília-DF, 14 de agosto de 1987

Aos prezados Irmãos no Episcopado.

A paz de Cristo!

O jornal "O Estado de São Paulo" publicou nos dias 9, 11, 12, 13 e 14 de agosto amplo material referente às populações indígenas e à atividade do CIMI.

O texto procede das empresas mineradoras interessadas em evitar que a futura Constituição aprove artigos em defesa das terras indígenas. É lamentável que para tentar alcançar seu objetivo tenham forjado, sem escrúpulos, acusações em base a cartas e reuniões inexistentes.

Em nome da Presidência da CNBB, publicamos as seguintes notas.

+ **Luciano Mendes de Almeida**  
Presidente da CNBB

### **COMPROMISSO COM A CAUSA INDÍGENA**

1. A Presidência da CNBB, no dia 10 de agosto, divulgou Nota de Repúdio ao artigo publicado na véspera pelo jornal "O Estado de São Paulo", difamando a ação dos missionários do CIMI. Mais quatro artigos foram ainda publicados distorcendo a verdade dos fatos e mentindo com a intenção de confundir a opinião pública.

2. Neste contexto, reafirmamos o direito das populações indígenas à terra, à própria cultura e ao seu pleno desenvolvimento. A garantia deste direito, que deverá continuar a ser salvaguardado na nova Constituição, retrata o caráter pluriétnico de nosso país, e em

nada limita a devida soberania do Estado Brasileiro sobre as nações indígenas.

3. O CIMI une seus esforços a outras Instituições de defesa e promoção do índio para evitar os danos irreparáveis causados pela exploração de minérios, que atenta contra o meio ambiente e a vida das populações indígenas.

4. O que se esconde atrás da escandalosa campanha difamatória contra os missionários do CIMI, não é a defesa dos interesses nacionais, como afirma o jornal, mas a ambição das companhias mineradoras, decididas a remover qualquer salvaguarda legal à exploração dos minérios em áreas indígenas.

5. As acusações pretendem impedir que na Constituição sejam incluídas normas de proteção aos territórios indígenas que visam coibir a cobiça das companhias mineradoras. Pretendem eliminar o caso, agora, previsto no Projeto Constitucional de "pesquisa, lavra ou exploração de minérios em terras indígenas, como privilégio da União, quando exigidas por interesse nacional e quando inexístirem reservas conhecidas e suficientes para o consumo interno e exploráveis em outras partes do território nacional".

6. A virulência do ataque demonstra a intenção de causar impacto na opinião pública e confundir os constituintes nas vésperas da discussão e votação do substitutivo do Deputado Bernardo Cabral.

7. É lamentável que o jornal "O Estado de São Paulo", desrespeitando os princípios fundamentais da moral se tenha prestado a esta campanha, assu-

mando os interesses das empresas de mineração em detrimento das populações indígenas. É inadmissível o recurso à argumentação difamatória, deturpando fatos, manipulando e forjando documentos, sem escrúpulos, a ponto de acusar os missionários de conspiração contra a soberania e a unidade do país e afirmar, de modo gratuito e descabido, que a Igreja pretende vantagens econômicas em sua ação evangelizadora.

8. É necessário, portanto, para restaurar a verdade, tomar imediatas providências afim de assegurar o direito de resposta e promover, o quanto antes a responsabilização penal pelas publicações continuadas da matéria difamatória e injuriosa.

9. O que está em questão não é apenas a ação do CIMI, mas a própria sobrevivência das nações indígenas, ameaçadas de extermínio e genocídio pela invasão das empresas mineradoras.

É neste sentido que, por razões humanísticas e evangélicas, o Conselho Mundial de Igrejas afirmou em julho de 1982, seu compromisso com os povos indígenas, afastada qualquer pretensão de interferir nos assuntos internos dos países.

10. No momento em que missionários e a própria Igreja são publicamente difamados, a Presidência da CNBB renova sua confiança em Deus, reafirma mais uma vez seu compromisso com a causa dos índios, na esperança de que seus direitos sejam plenamente assegurados, pelo voto dos Constituintes, na Carta Magna do Brasil.

**Presidência da CNBB**

## NÃO PERCAMOS JAMAIS A ESPERANÇA

Prezados Irmãos no Episcopado  
Estimados fiéis

“Feliz aquele, cuja consciência não o acusa e aquele que não perdeu a esperança” (Ecl 14,2).

1. Presente à 18ª Reunião Ordinária do Conselho Permanente da CNBB, dias 25 a 28 de agosto, refletimos e oramos sobre as graves situações pelas quais passa o nosso povo. O zelo pastoral nos impulsiona a partilhar com os irmãos no episcopado e com os fiéis as nossas preocupações, convocando a todos para firmarmos nossa fidelidade e esperança.

2. Endossamos, primeiramente, o pronunciamento abalizado e oportuno do Conselho Nacional das Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC), do dia 07 de agosto, intitulado “Apelo por um Compromisso Coletivo pela Democracia”. Incentivamos a todos para que dêem a mais ampla divulgação possível ao documento mencionado. Em sua primeira parte, faz uma corajosa denúncia profética a respeito da realidade do Brasil hoje. Na segunda, descreve a ameaça de um futuro caótico para nosso povo e as instituições. Na terceira, apresenta questionamentos e sugestões para uma ação transformadora.

3. Nesta mesma linha de tomada de posição, fazemos veemente apelo aos que dirigem os destinos do Brasil e a todas as pessoas e instituições para que busquemos uma democracia real que supere a democracia nominal ou formal. O povo anseia por uma democracia que tenha como eixo a justiça e o desenvolvimento integral para to-

dos. Sabemos que sem o atendimento às necessidades básicas do povo em questões de respeito à vida desde a concepção, de alimentação, solo rural, solo urbano, educação, saúde, moradia, emprego e liberdades básicas, entre as quais a liberdade religiosa, é impossível uma verdadeira democracia. Estamos mergulhados num cenário de crescente injustiça social que, dia a dia, vem esmagando a maioria de nosso povo. É preciso que se aperfeiçoem as instituições e as leis, para que o povo não se sinta impelido a buscar soluções fora do ordenamento social, o que pode provocar o caos na sociedade.

4. Neste momento histórico, nos sentimos confortados pela ação patriótica e humanitária de Constituintes que defendem as emendas em favor do bem comum propostas pela Igreja ou por outras entidades, com grande apoio popular. O elenco de propostas, aprovado pela 25ª Assembléia Geral da CNBB, em abril do corrente ano, com base no documento “Por uma Nova Ordem Constitucional”, exprime a nossa posição quanto aos pontos fundamentais, ora em discussão na Assembléia Constituinte.

5. Há dois valores fundamentais nesta democracia real que desejamos salientar, diante dos últimos acontecimentos:

5.1. **O precioso dom da vida.** Num gesto concreto, revalorizamos este dom, ao lançarmos, durante a reunião, a Campanha Nacional do Soro Caseiro, que certamente vai salvar a vida de milhares de crianças. Mas a realidade nos mostra que a vida vem sendo atrozmente sacrificada pela onda de violência que perpassa o campo e as cida-

des. Algumas regiões estão em permanente estado de alerta. Multiplicam-se os assassinatos de lavradores pobres. Avolumam-se as mortes no trânsito, nos assaltos, nas rebeliões em presídios, nos confrontos de grupos dos chamados crimes organizados e pela ação de grupos de extermínio. Além disso, em todos os cantos do Brasil, acontecem mortes pelo aborto provocado, pela fome, por doenças e por acidentes de trabalho. Mortes que facilmente poderiam ser evitadas. Há uma conjuração contra a vida em nosso país, contra a vida dos pobres. Esse absurdo não pode continuar!

**5.2. As minorias indígenas.** Uma segunda conjuração, aconteceu contra os povos indígenas nestas últimas semanas. Acompanhamos estupefatos a calúnia armada contra o CIMI, a Igreja e nossos missionários, por defendermos o respeito aos indígenas em sua vida, em sua história, em seus costumes e aspirações. Repudiamos, com veemência, essa calúnia e pedimos a Deus iluminar os que nela acreditam.

**5.3.** Desejamos fazer chegar aos nossos heróicos missionários uma palavra fraterna de solidariedade ante os ataques de que vêm sendo alvo por seu trabalho evangelizador entre os indígenas. Muitos estão ameaçados de morte e alguns impedidos arbitrariamente, por órgãos governamentais, de continuar sua missão religiosa.

**5.4.** Esta mesma palavra fraterna queremos dirigir a leigos, padres, bispos, religiosos e religiosas que atuam, com perigo de vida, na busca de caminhos justos em vista de uma necessária e urgente reforma agrária e urbana, com adequada política para ambas.

**5.5.** Com zelo pastoral alertamos os fiéis para se prevenirem quanto a pessoas e grupos que, abusando do nome da Igreja, tentam objetivos e usam métodos alheios e mesmo contrários aos ensinamentos e práticas da Igreja.

**6.** Aproveitamos o ensejo para externar nosso respeito e amizade, bem como solidariedade fraterna a Dom Luciano Mendes de Almeida, em sua árdua missão, como Presidente da CNBB, de representá-la junto aos órgãos nacionais, especialmente em momentos de tensões e conflitos. Não podemos deixar de protestar contra o modo ofensivo com que D. Luciano tem sido tratado por certa instância governamental e por alguns meios de comunicação. Ofensa que atinge a toda a CNBB e aos empobrecidos, os quais ele, incansavelmente procura defender.

**7.** Irmãos, o momento nacional é de extrema gravidade, como afirma o documento do CONIC. Mesmo assim, nossa fé, operosa na caridade e comprovada no sofrimento, se alimenta de grande esperança. Temos certeza de que Deus caminha conosco à frente da história e nos confirma em nossa missão evangelizadora. Ele não nos abandona jamais e nos diz "felizes os que não perderam a esperança" (cf Ecl 14,2). A força da Ressurreição pulsa no meio do nosso povo. Nossa Senhora Aparecida, Mãe e Padroeira do Brasil, especialmente neste Ano Mariano, nos ampare na insistente busca da terra prometida, onde reine a justiça, a verdade, a fraternidade e a liberdade, garantias de paz para todos.

Brasília, DF, 27 de agosto de 1987.

**CNBB, Conselho Permanente**

# A CNBB E O ENSINO RELIGIOSO NAS ESCOLAS PÚBLICAS

## 1. PEQUENO HISTÓRICO DO ER NAS LEIS DO BRASIL

### A) As Constituições do Brasil assim apresentam o Ensino Religioso

#### a) 1924: Constituição do Imperador

Art. 5º — “A Religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a Religião do Império. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo”.

#### b) 1ª Constituição do Brasil República: 1891

Art. 72 § 3º — “Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto...

§ 6º — Será leigo o Ensino Ministrado nos Estabelecimentos Públicos.

Nenhum culto ou Igreja gozará de subvenção oficial nem terá relações de dependência ou aliança com o Governo...”.

#### c) 1934 — Constituição de 1934

Art. 153 — “O ENSINO RELIGIOSO será de freqüência facultativa e ministrado de acordo com os princípios da confissão do aluno, manifestada pelos pais ou responsáveis e constituirá matéria dos horários nas escolas públicas primárias, secundárias, profissionais e normais”.

#### d) Constituição de 1937

Art. 133 — “O ER poderá ser contemplado como matéria do curso ordinário das escolas primárias, normais e secundárias. Não poderá, porém, constituir objeto de obrigação dos mestres ou professores nem de freqüência compulsória por parte dos alunos”.

#### e) Constituição dos EEUU do Brasil de 1946

Art. 168 § 5º — “O ER constitui disciplina dos horários das escolas oficiais, e de matrícula facultativa e será ministrado de acordo com a confissão religiosa do aluno, manifestada por ele, se for capaz, ou pelo representante legal ou responsável”.

#### f) Constituição do Brasil de 1967

IV — “O ER, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas oficiais de grau primário e médio...”.

#### g) Constituição de 1969; EMENDA Constitucional nº 1

V — “O ER, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas de grau primário e médio...”.

### B) Leis Federais de Ensino

#### a) Lei nº 4.024/61

Art. 91 — “O ER constitui disciplina dos horários normais das Escolas Oficiais, é de matrícula facultativa e será ministrado sem ônus para os poderes públicos, de acordo com a confissão religiosa do aluno, manifestada por ele, se

for capaz, ou pelo seu representante legal ou responsável.

§ 1º — A formação de classe para o ER independe de número mínimo de alunos.

§ 2º — O registro dos professores de ER será realizado perante a autoridade religiosa respectiva”.

b) Lei nº 5.692/71

Art. 7º, parágrafo único — “O ER, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais dos estabelecimentos de 1º e 2º graus”.

### **C) Parecer nº 540/77 do Conselho Federal de Educação**

Item nº 5 — Ensino Religioso. Fala-se da Educação de Valores, da busca do sentido da vida e afirma: “Não cabe aos Conselhos de Educação, nem às escolas, estabelecer os objetivos do ER nem seus conteúdos. Isso é atribuição específica das diversas autoridades religiosas”.

## **2. POSIÇÃO DA IGREJA CATÓLICA**

a) Ao longo de todas as Constituintes do Brasil e elaboração de Leis Conseqüentes para o Ensino a Igreja CATÓLICA sempre lutou pelo ENSINO RELIGIOSO CONFSSIONAL.

É importante recuperar a memória histórica dos debates sobretudo de Rui Barbosa, Mário de Lima, Pe. Leonel Franca, Dom Joaquim Silvério de Souza e Tristão de Athayde com propostas muito específicas sobre a questão do ER.

b) Em 1976 a CNBB publicou o Estudo nº 14 “Educação Religiosa na Es-

cola” onde coleta as regulamentações do ER nos Estados e reforça a posição assumida de respeito à confissão religiosa dos alunos, de seus pais ou responsáveis.

c) No Doc. 26 “Catequese Renovada” nos números 124 e 125 a CNBB reforça a diferença e complementaridade entre ER e Catequese, com base nas orientações do Papa João Paulo II (L’Osservatore Romano 15/3/81).

d) O Novo Código de Direito Canônico dá algumas orientações claras sobre ER e pede à Conferência Episcopal que trace as normas gerais que achar necessárias (cânones 804 e 805).

e) O Papa João Paulo II em vários discursos volta insistentemente sobre a importância do ER nas Escolas. Destacam-se os seguintes: “Ensino Religioso e catequese, ministérios distintos mas complementares” (O. R. 15/3/81); “O valor do ensino da religião na escola” (O. R. 3/2/85); “A escola deve saber oferecer aos jovens os indispensáveis valores humanos e religiosos” (O. R. 11/8/85); “O Ensino da religião nas escolas e a justa manutenção do clero” (O. R. 9/3/86); “O Ensino da Religião Católica na Escola, exigência da Educação Integral” (O. R. 6/4/86); “Irradiar os autênticos e fundamentais valores humanos e cristãos” (O. R. 6/4/86); “Carta aos Bispos do Brasil” (O. R. 20/4/86). Sobre este assunto João Paulo II trata em *Catechesi Tradendae* (1979) e em sua visita ao Brasil em 1980.

f) Em 1985 num pronunciamento feito pelo Conselho Permanente a CNBB retoma o assunto (ver CM, agosto 1985, p. 1019) onde diz no nº 5: “Considerando a dimensão religiosa como elemento essencial da plenitude humana,

defende a necessidade de resguardar na Carta Magna o direito ao ER escolar, respeitando-se a confissão religiosa do aluno”.

g) Em 1986 na Declaração Pastoral “Por uma Nova Ordem Constitucional” da 24ª Assembléia Geral, a CNBB trata do ER em diversos números sobretudo 67 a 70; 129 a 144 e 166 a 170.

g-1) Citamos sobretudo: nº 139: “O ER, entendido como educação religiosa e parte integrante da educação, é direito de todo cidadão e será garantido pelo Estado nas escolas”; nº 140: “A escola deve tornar possível o ER escolar de acordo com a confissão religiosa dos pais e dos alunos. Constitui tal ensino disciplina dos horários normais das escolas oficiais de 1º e 2º graus e dos cursos supletivos, o credenciamento dos professores de ER, deverá ser feito pela autoridade religiosa respectiva, escolhidos preferentemente os professores, entre os da rede oficial de ensino”.

g-2) Esta síntese elaborada pelos Bispos para o texto “Por uma Nova Ordem Constitucional” traz algumas características que merecem ser destacadas:

— “ER entendido como **EDUCAÇÃO RELIGIOSA** (nº 139).

• “Ensino Religioso” se refere à aula do Ensino Religioso no horário escolar, para a tarefa do ensino-aprendizado, com conteúdos e metodologias apropriadas.

• “Educação Religiosa” é uma realidade mais ampla e mais rica que o ER, pois abrange a dimensão religiosa em todo o processo educacional da escola: as disciplinas, os relacionamentos

entre as pessoas, os recreios, a disciplina escolar, e todas as demais atividades. Dentro dessa visão do ER (aula) adquire nova riqueza e apoio pelo todo da escola, especialmente dos demais professores que atuam com os mesmos alunos.

— “ER como parte integrante da educação” — Se a educação visa o “pleno desenvolvimento da pessoa” deve incluir logicamente a dimensão religiosa. Para isso precisa oferecer os meios.

— “O ER é direito de todo cidadão” que deseja em seu processo de educação também a dimensão religiosa.

— Será garantido pelo Estado nas Escolas — Cabe ao Estado atender os legítimos pedidos do povo, no caso em questão, pais, professores, alunos e as confissões religiosas.

g-3) O número 140 da referida Declaração Pastoral dá algumas orientações sobre a operacionalização do ER indicando o que a escola deve fazer:

— tornar possível o ER;

— de acordo com a confissão religiosa dos pais e dos alunos;

— dar o tempo: nos horários normais da escola (1º e 2º graus e supletivos);

— atender ao credenciamento dos professores pelas autoridades religiosas preferentemente entre os da rede oficial de Ensino.

## **CONCLUSÃO**

### **A) Considerandos**

1. Considerando que a **DIMENSÃO RELIGIOSA** é elemento essencial para a plena realização da pessoa humana;

2. Considerando que é direito do cidadão zelar pela sua dimensão religiosa;

3. Considerando que o cuidado pela dimensão religiosa inclui também uma opção Confessional;

4. Considerando que os pais têm o direito à educação de seus filhos de acordo com os princípios éticos e sociais coerentes com a sua fé, inclusive no âmbito escolar;

5. Considerando que é dever da escola estar a serviço da família e favorecer o desenvolvimento integral da pessoa humana, o que inclui portanto a dimensão religiosa;

## **B) Proposição**

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) propõe:

1. Seja assegurado na nova Constituição o direito ao Ensino Religioso, respeitando-se a confissão religiosa do aluno ou de seus responsáveis (cf. CNBB, "Por uma Nova Ordem Constitucional" nº 67).

2. As Escolas devem tornar possível o Ensino Religioso Escolar de acordo com a confissão religiosa dos pais e dos alunos (cf. CNBB, "Por uma Nova Ordem Constitucional" nº 140).

*in REVISTA DE CATEQUESE n.º 38/1987, p. 57-59.*

---

*Texto apresentado pelo SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES à 25.ª Assembléia Geral Ordinária da CNBB, em ITAICI/SP, de 22/4 a 1.º/5 de 1987.*

# **O FENÔMENO DAS MIGRAÇÕES COMO DESAFIO À PASTORAL**

## **I. INTRODUÇÃO**

Um dos objetivos principais da 25ª Assembléia Geral Ordinária da CNBB é definir as Diretrizes Pastorais da Igreja do Brasil para o próximo quadriênio. Dentro desse prisma, torna-se necessário desde o início dos trabalhos, voltar a atenção para os grandes desafios que pesam sobre a nossa sociedade.

Quem olhar com senso crítico para a sociedade brasileira não pode deixar de perceber que um dos problemas mais sérios que a afetam é a migração. Provocada por causas as mais diversas, que vão desde os fenômenos naturais até a especulação sobre a terra, desde a pressão demográfica até os grandes e faraônicos projetos governamentais, desde a concentração da renda até a exploração do mais forte sobre os mais fracos.

Voltando a atenção para a migração interna, que é somente uma das diversas facetas do fenômeno migratório, percebemos que dezenas de milhões de brasileiros vivem fora de sua terra de origem, perseguindo sempre a miragem de uma vida menos sofrida. Poucos, entretanto, logram seu intento; grande parte apenas engrossou a fila dos trabalhadores de reserva; e não raros fizeram surgir novas cruces ao longo do caminho, na incansável busca da Terra Prometida, a qual jamais conseguiram alcançar.

O fato de não haver bastante conscientização sobre o drama da migração forçada e de não existir suficiente empenho em sanar suas implicações, tanto sociais como morais e religiosas, nos obriga a levantar a voz nesta Assembléia, a fim de denunciar os fatos e conclamar a todos para que se busque atender, com solicitude fraterna e firmeza evangélica, o clamor de tantos deserdados da sorte, que peregrinam pelas estradas deste nosso chão.

## II. UMA HISTÓRIA DE MIGRAÇÃO

(1) O fenômeno das migrações é tão antigo como a história da humanidade. Essa mobilidade do homem no espaço é caracterizada, desde os primórdios, por um caráter sensivelmente ambíguo, portando ao mesmo tempo uma dimensão positiva e outra negativa. De um lado, quando livres, naturais e espontâneas, as migrações podem proporcionar um enriquecimento recíproco entre pessoas, grupos, povos e nações; de outro, quando os movimentos migratórios são forçados por fatores econômicos, políticos, sociais, militares ou religiosos, ocasionam incalculáveis sofrimentos humanos. A história recente mostra que o "progresso", além de muitas vezes não respeitar o direito fundamental de ir e vir, ainda obriga imensos contingentes populacionais e deslocamentos dramáticos e crescentemente compulsórios, acentuando-se dessa forma a dimensão negativa do fenômeno.

(2) No Brasil, esse caráter ambíguo das migrações tem deixado rastros profundos em nossa história. Por uma parte, registram-se entre os povos indígenas, sobretudo em épocas anteriores ao chamado "descobrimento", movimentos livres e espontâneos de tribos

nômades e semi-nômades; por outra parte, contudo, desde os tempos coloniais, os deslocamentos de indígenas, de negros e de imigrantes europeus ganham uma conotação fortemente compulsória, obedecendo ao objetivo de criar e/ou substituir mão-de-obra abundante para uma economia voltada a interesses alienígenas, o que acarreta um empobrecimento brutal e progressivo dos povos a ele submetidos. O acento recai outra vez sobre a segunda dimensão desse processo, a tal ponto que migração se torna praticamente sinônimo de expulsão. Sem esquecer, evidentemente, aqueles que, fazendo do Brasil sua nova pátria, aqui conseguiram vida melhor e contribuíram para o desenvolvimento deste país.

(3) A partir de 1930, decresce consideravelmente o volume das migrações estrangeiras. Acentua-se, todavia, de forma progressiva e até desenfreada, uma mobilidade interna que já vinha se fazendo presente na trajetória dos ciclos econômicos (açúcar no nordeste; ouro em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso; borracha na Amazônia; café em São Paulo). Levas e levaras de migrantes, notadamente nordestinos e mineiros, expulsos pela seca e pela cerca e iludidos pela miragem do Eldorado, buscam o parque industrial no sudeste do país, procurando sobretudo o eixo Rio-São Paulo. Essa migração interna, longe de se estabilizar com o decorrer dos anos, intensifica-se perigosamente a cada década que passa.

## III. TENDÊNCIAS ATUAIS DO FENÔMENO MIGRATÓRIO

(4) Nos dias atuais, o número de brasileiros que, por um motivo ou por outro, viu-se induzido a trocar seu local

de nascimento por outra área, município, estado ou região, já ultrapassa nada menos que um terço da totalidade de nossa população. Passamos agora a assinalar brevemente quatro grandes movimentos migratórios ou "categorias" de migrantes, as quais podem ser facilmente detectadas no momento presente, sem pretender, é claro, enquadrar tudo em esquemas rígidos e estanques. A realidade social é acima de tudo um processo dinâmico, constante e dialético.

#### a) Migração Campo-Cidade

(5) O êxodo rural é hoje objeto de numerosos estudos, a maioria deles alertando para a forma desordenada como ele vem se processando. Algumas estatísticas ilustram esse fenômeno. De acordo com o texto-base da Campanha da Fraternidade de 1980, cerca de 40 milhões de brasileiros residem fora do município em que nasceram. Acrescentando aqueles que migraram no interior do próprio município, esse número sobe para 51 milhões(1). Somente na década de 1970-80, 13 milhões de pessoas trocaram o campo pela cidade, sendo que na década seguinte essa cifra se eleva para 15,5 milhões(2). O exemplo mais expressivo é, sem dúvida o Estado de São Paulo cuja capital, absorvendo anualmente uma média de 500 mil novos migrantes, contará no ano 2000 com uma população aproximada de 22 milhões de habitantes. Somente na década passada o estado recebeu a incrível "safra" de 3,5 milhões de pessoas, sendo que a maioria das quais dirige-se à zona urbana que conta hoje com 92,8% da população total do estado(3).

(6) Esta urbanização caótica e desordenada, que se repete nos demais estados da federação, tem como causas fundamentais a progressiva concentração da terra e da renda, bem como uma política agrária e agrícola que privilegia unicamente o latifúndio e a empresa rural, condenando os pequenos produtores (parceiros, arrendatários, posseiros, etc.) a uma asfixia gradativa que culmina com a inevitável saída da terra — a migração forçada. Daí as funestas conseqüências na cidade: periferização e "inchamento" dos bolsões de miséria, aumento dos menores carentes e abandonados, prostituição precoce, desemprego em massa seguido de achatamento sistemático do salário, moradia cara e desumana, recrudescimento da violência urbana... Acrescenta-se ainda a perda, por vezes irreversível, de valores morais, familiares e religiosos.

#### b) Migração para Novas Terras

(7) Dos estados do sul (RS, SC e PR) para os estados do norte (RO, AC, RR, MT) verifica-se outro grande fluxo de migrantes. Os fatores responsáveis por esse deslocamento em massa são, de um lado, a expansão da monocultura, da agroindústria e de uma mecanização inadequada no sul do país; e, de outro, a propaganda enganosa de colonizadoras oficiais ou particulares, as quais, prometendo terra e garantia de trabalho, nada mais fazem do que atrair os migrantes para depois abandoná-los à própria sorte. Após "amansar" a terra, o migrante é obrigado a entregá-la de mão beijada ao latifundiário e continuar sua dolorosa peregrinação. Como dizem os próprios trabalhadores, "colono prepara a cama para outro se deitar".

(8) O Estado de Rondônia, o caso mais típico, possuía em 1970 uma população de 116.220 habitantes. Quinze anos após, em 1985, o número de seus habitantes sobe para 901.654(4). Enquanto a população brasileira, na década de 70, cresceu a uma taxa anual de 2,7%, no Estado de Rondônia essa taxa atinge a casa dos 15,0% ao ano, muito acima do crescimento da região norte como um todo que foi de 5,03% ao ano. Este processo, que ao mesmo tempo atrai e expulsa o homem do campo, vem condenando milhares de famílias a uma desintegração total ou parcial, além de não fixar o trabalhador à terra. Só para se ter uma idéia, o número de famílias sem terra nesse estado já em 1985 alcançava a surpreendente cifra de 50 mil. O migrante é **atraído** quando se trata de limpar a terra e lançar a semente, e é **repelido** quando chega o dia da colheita, pois a lógica do capital é a acumulação(5).

#### c) Migrações Sazonais

(9) Resultado da proletarização em massa dos pequenos produtores, um enorme contingente de pais de família vê-se forçado a migrações periódicas e freqüentes atrás de uma dura sobrevivência. Entre eles, podemos registrar os safristas, cortadores de cana, apanhadores de laranja, colhedores de café, algodão, etc.; os peões do trecho e da construção civil, os garimpeiros, os lenhadores, os barrageiros... Quase sempre em situação trabalhista irregular, são submetidos a uma verdadeira "escravidão branca": vivem em alojamentos desumanos, são transportados como animais de carga, alimentam-se muito mal, estão excluídos dos benefícios da previdência social, ganham salários de fome e passam meses e até

anos longe dos familiares. Após o trabalho temporário, voltam para casa com a amarga sensação de que mais uma vez foram derrotados. Este é o caso em que a família sofre um impacto maior.

(10) As empresas que utilizam essa mão-de-obra volante e temporária, por sua vez, estão praticamente isentas de qualquer encargo social, o que eleva em muito seus já fabulosos lucros. Estas e outras vantagens apontam para uma generalização do trabalho intermitente, como tendência na agricultura brasileira. Todo o ônus recai mais uma vez sobre os ombros do povo desenraizado.

#### d) Migrações "Limítrofes"

(11) a) **Hispano-americanos**. Conforme dados oficiais, o número de estrangeiros provindos dos países vizinhos e que hoje residem no Brasil chega a cerca de 700 mil. Aproximadamente 50% destes vivem em situação irregular, sem documentação, devido sobretudo à rigidez da Lei de Estrangeiros. Por motivos políticos e/ou econômicos, tiveram que deixar seus respectivos países, sendo novamente obrigados a uma clandestinidade que dificulta um trabalho regular. Concentram-se sobretudo nas capitais de Porto Alegre, Curitiba e São Paulo e nas cidades limítrofes de Foz do Iguaçu, Ponta Porã, etc.

(12) b) **"Brasiguaios"**. São brasileiros que, não conseguindo o acesso à terra no país, viram-se compelidos a migrar para o Paraguai. Submetidos, contudo, a uma política econômica repressiva naquele país e vítimas da corrupção e violência, estima-se ainda em 400 mil o número de brasileiros residentes no Paraguai. Este fenômeno, de resto, es-

tende-se gradativamente a outros países vizinhos, tais como Bolívia, Venezuela, etc. Ironia da história: os filhos de um Brasil gigante são forçados a buscar terra nos pequenos países limítrofes!

#### IV. CONCLUSÃO

(13) Frente a esse povo que, tangido pela miséria, prolonga os caminhos do êxodo em busca de uma terra prometida que custa a aparecer, ou que nunca aparece, a Igreja, mãe solícita e desvelada, não pode permanecer indiferente.

Precisa desenvolver um trabalho de conscientização entre os migrantes potenciais, sobre a realidade brasileira em geral, assim como sobre os lugares de expulsão e de chegada, para dissuadi-los a lançar-se inconsideravelmente na aventura da migração.

Precisa organizar o povo dos territórios e regiões de emigração, para que desenvolvam formas de resistência e, reivindicando seus direitos, busquem saídas menos dolorosas para seus problemas sociais e econômicos.

Precisa organizar uma pastoral de acompanhamento aos migrantes, que marque uma presença da Igreja de origem e, ao mesmo tempo, uma pastoral de acolhida que abra os braços da Igreja na chegada, num trabalho orgânico e integrado em favor dos peregrinos que percorrem nossas estradas sem fim.

Precisa criar iniciativas inter-ecclesiais que, somando as forças e as possibilidades das igrejas de origem e de chegada, garantam a presença do Senhor nos caminhos deste êxodo em massa.

Para tanto, fica aqui o apelo do Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM), na certeza de que esta Assembléia vai abrir o coração e os braços, empenhando-se num esforço conjunto para fazer das migrações do Brasil um caminho para a liberdade e a aliança, e não um caminho para a escravidão!

**"Era peregrino e me acolhestes..."**  
(Mt 23,35).

Itaici, SP, 22/4 a 1/5 de 1987.

#### NOTAS

(1) MARTINE, George. Os dados censitários sobre migrações internas: evolução e utilização. In: Anais do IV Encontro Nacional da ABEP, out. de 1984, vol. 2, p. 1037. (2) MARTINE, George. O Significado da Fronteira Agrícola. In: Repensando o Brasil Pós 60: as mudanças na dinâmica urbano-regional e suas perspectivas. Edição especial de Espaço e Debates, nº 13, NERU, pp. 74-83.

3) CEM. Migrações no Brasil: o peregrinar de um povo sem terra. São Paulo, Ed. Paulinas, 1986, p. 57. (4) NERU/SEGLAN (Rondônia). Boletim das Migrações. Porto Velho-RO, Gov. do Estado de Rondônia, 1979 a 1984. (5) Doc. "Migrações para Rondônia e Mato Grosso apresentado pelos bispos de RO na 23ª Assembléia Geral de CNBB, Itaici, de 10 de abril de 1983.

# A FIDELIDADE À VOCAÇÃO E AO CARISMA CONGREGACIONAL A 20 ANOS DO PERFECTAE CARITATIS

*“Redunda em benefício da Igreja que os Institutos tenham índole e função próprios. Sejam, pois, fielmente observados o espírito e as intenções específicos dos Fundadores como também as sãs tradições”.*

**Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM**

Niterói, RJ

Passados mais de vinte anos do Concílio do Vaticano II, publicações e organismos da Igreja procuram avaliar os resultados e chamar atenção para os frutos obtidos com o cumprimento dos decretos e determinações conciliares. No seu conjunto foram realizadas as intenções e as decisões maiores dos Padres Conciliares expressas nos diversos documentos. Sabemos que não poucas vezes mudanças exteriores foram realizadas sem que houvesse uma verdadeira transformação da mentalidade e do espírito. Pode ter acontecido que se tenha colocado “pano novo em roupa velha”. A vida religiosa também foi convidada a empreender seu “aggiornamento”, pelo documento “Perfectae Caritatis”. A mentalidade geral dos grandes documentos conciliares que foram **Lumen Gentium** e **Gaudium et Spes** está pre-

sente nas orientações do decreto sobre a vida religiosa. Nossa tarefa não é examinar todos os aspectos da transformação operada nos institutos de vida consagrada. Nosso escopo é apresentar os resultados conseguidos com a fidelidade ao carisma congregacional e verificar como essas inspirações dos fundadores foram ganhando novo vigor nesses últimos anos.

Fomos colocados diante de uma tarefa extremamente difícil e quase íamos renunciando ao tema. Para que tivéssemos condições de fazer um estudo sério deveríamos poder dispor de toda a história das discussões e debates realizados nos capítulos das ordens e congregações sobre o assunto, ou então termos entrevistado significativo número de religiosos para que dessem testemunho. Não tínhamos condições

de empreender esse trabalho. Limitamo-nos, assim, a colocar a questão, tentar compreender bem suas diferentes implicações, situar o carisma a ser adaptado no conjunto da renovação da vida da Igreja e da vida religiosa e chamar a atenção para alguns resultados, concluindo mais com interrogações do que com assertivas definitivas.

### 1. **Uma necessidade: viver e atualizar o carisma**

O texto fundamental do documento "**Perfectae Caritatis**" sobre o assunto vem assim expresso: "Redunda em benefício da Igreja que os institutos tenham índole e função próprias. Sejam, pois, fielmente conhecidos e observados o espírito e as intenções específicas dos Fundadores, como também as suas tradições. Tudo isto constitui o patrimônio de cada instituto" (n. 2,b.) É salutar para a vida da Igreja que os institutos não sejam nivelados em sua concretização. Que eles conservem o espírito e as intenções de seus fundadores. Trata-se de um empenho de **volta às fontes** não por mero arqueologismo, mas para captar no ontem o vigor permanente daquelas inspirações. O mesmo esquema de volta às fontes haveria de ser aconselhado para a questão da liturgia. Parece que em muitos setores da vida da Igreja aconteceu um distanciamento das origens. As palavras do documento deixam entrever que a não vivência do carisma dos fundadores empobrece a Igreja.

Paulo VI, em 1971, na Exortação Apostólica **Evangelica Testificatio**, voltaria ao assunto. Sabemos

que uma das grandes preocupações deste Pontífice era a possibilidade e a necessidade de se falar ao homem de hoje. Acreditava ele que a fidelidade ao carisma dos fundadores funcionaria como elemento importante de evangelização em nossos tempos: "Só assim podereis despertar de novo os corações para a Verdade e para o amor divino, segundo o carisma de vossos fundadores, suscitados por Deus na sua Igreja. Desta forma, insiste o Concílio, e com justeza, na obrigação dos Religiosos e Religiosas de serem fiéis ao espírito de seus Fundadores, às suas intenções evangélicas e ao exemplo de sua santidade, vendo nisso precisamente um dos princípios da renovação em curso e um dos critérios mais seguros daquilo que cada instituto deveria empreender. O carisma da vida religiosa, na realidade, longe de ser um impulso nascido "da carne e do sangue" ou ditado por uma mentalidade que "se conforma com o mundo presente", é antes o fruto do Espírito Santo que age continuamente na Igreja" (n. 11).

Paulo VI estava, pois, preocupado com a evangelização em nossos tempos. Chamava atenção para a contribuição dos religiosos simplesmente pela vivência intensa de seu carisma fundacional. Insistia no fato de que esse carisma não é fruto de engenhos humanos, mas dom do Espírito que age na Igreja. Dá a entender que ele continua através dos tempos.

O assunto seria retomado mais adiante pelo documento final da reunião de **Puebla**. Sabemos que a perspectiva desta assembléia era a

evangelização na América Latina. Lemos aí: "A riqueza do Espírito se manifesta nos carismas dos fundadores que brotam em sua Igreja no decorrer de todos os tempos, como expressão da força de seu amor que responde solícito às necessidades dos homens (LG 46). A fidelidade ao próprio carisma é, portanto, uma forma concreta de obediência à graça salvífica de Cristo e de santificação com Ele para remir seus irmãos, quer na perspectiva da área educacional, do serviço da saúde social, do ministério paroquial, quer na perspectiva da cultura, da arte, etc. Deste modo faz-se presente o Espírito Santo, que evangeliza os homens com sua riqueza multiforme" (n. 756-757).

Ressaltemos nesse texto a exemplificação da atualização dos carismas: educação, hospitais, paróquia, arte, cultura, etc. Os religiosos, obedecendo ao carisma, estão obedecendo também à graça salvífica de Cristo.

Documento emanado da Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares (**Religiosos e Promoção Humana**) de 12 de agosto de 1980, afirma que a autêntica presença dos religiosos na missão da Igreja em vista da evangelização e da promoção humana não se daria se estes tivessem que renunciar, mesmo só em parte, às características da vida religiosa e à índole própria de cada instituto (n. 28). O documento fala de uma fidelidade dinâmica, aberta ao impulso do Espírito (n. 29). Lembrando o zelo pastoral de Paulo VI para com o homem contemporâneo o documento afirma: "As opções concretas de

renovação são iluminadas por esta interrogação. A urgência delas chama a uma fidelidade capaz de reconduzir, ao hoje da vida e da missão de cada instituto, a ousadia com que os Fundadores se tinham deixado conquistar pelas intenções originais do Espírito" (n. 30).

A simples leitura destes textos nos coloca diante de uma evidência: espera-se a renovação do carisma fundacional. Não poucas vezes os religiosos que trabalham na ação paroquial e em outras atividades pastorais da Igreja questionam sua identidade. O Concílio do Vaticano II levou os religiosos, bem como outros grupos na Igreja, a buscarem sua identidade.

## 2. A perpetuidade do carisma

Os textos que elencamos partem da convicção de que a missão dos fundadores continua a existir na família religiosa existindo hoje. Partem da convicção de que esses homens e mulheres tinham sido contemplados com o **carisma do Espírito**. Esse carisma seria um bem da comunidade eclesial e desta forma ele haveria de perdurar. Em nossos tempos foi-se tomando consciência da beleza dessa multiplicidade de famílias religiosas desde que vivendo intensamente o que lhes é específico. A Igreja local necessita dessa pluriformidade de espiritualidades e acentos evangélicos. Talvez, em períodos anteriores, as diferentes famílias tivessem suas características, mas estavam, na prática, distantes de maior engajamento na Igreja local. Os tempos modernos exigiriam uma vigorosa presença do carisma inaciano, dominicano, la-

zarista ou redentorista na contextura atual do mundo e da Igreja.

A atualização do carisma teria, pois, a finalidade de beneficiar a própria Igreja. Esta é necessidade da riqueza das famílias religiosas para dizer palavras essenciais aos homens de nosso tempo. Os religiosos vivendo hoje seu carisma seriam agentes eficazes de evangelização. Do contrário seriam um agrupamento amorfo. Não transmitiriam a parte do Evangelho vivida intensamente por seus fundadores, o que lhes é típico e patrimônio próprio.

Os textos mencionados chamam atenção para o fato de que o carisma fundacional é **dom do alto**. Não foram "a carne e o sangue" que o produziram, mas determinada e precisa ação do Espírito. Fala-se então de refazer os feitos ousados dos fundadores de ontem.

As diferentes famílias religiosas não são convidadas a uma fidelidade estática, mas dinâmica. Esta levará em conta o mundo atual e as necessidades da Igreja. O êxito desta operação de adaptação estaria na conjugação de dois momentos: o nascimento do carisma nas circunstâncias concretas e históricas do passado, e sua inserção no hoje das correntes do mundo e da Igreja. Nesta história que vivemos estará presente a inspiração de ontem.

### **3. Carisma fundacional e características da Vida Religiosa hoje**

A experiência mostra que o trabalho de busca da atualização do carisma não está separado da consi-

deração de características próprias da vida religiosa em nossos dias. Assim como esses carismas surgiram num preciso momento da vida religiosa de então, da mesma forma os que intentam viver seu carisma hoje não poderão deixar de levar em consideração as linhas fundamentais seguidas pela vida religiosa em nossos dias.

Entre os acentos hodiernos da vida religiosa está a tendência clara a uma **encarnação** da mesma na realidade. Os religiosos não constituem um bloco à parte, asseptizado, puro, grupo de elite, protegido por sua cultura e pelos muros de suas casas. Participam das angústias de nossos tempos. Não são alheios aos dramas bem localizados do homem de hoje. Não têm como único ponto de referência as casas centrais na Europa ou nos Estados Unidos. Os religiosos reagem a todo centralismo que ditaria uma norma universal para a vivência do carisma do fundador. O local ganhou importância. Os religiosos vivem num contexto de lutas e superações, cheio de contradições. Uma vida religiosa encarnada clama por uma vivência também encarnada do carisma.

Os tempos modernos redescobriram a **dimensão profética**. A vida religiosa é considerada como um carisma, e os religiosos, segundo o espírito de seus fundadores, são profetas. A encarnação dos religiosos numa determinada realidade faz deles profetas de um mundo novo. No momento de atualizar o carisma fundacional os religiosos ficaram muito atentos às situações concretas do mundo hodierno e ten-

taram fazer a ligação do ontem com o hoje. Cada comunidade religiosa tem que ser profética, mas cada uma com características diferentes. Parece ser dado comum nesse empenho de atualização a denúncia de situações de injustiça, do culto ao consumismo, do desrespeito à pessoa humana. Apelar para a dimensão profética do carisma fundacional e tentar compreender o peso da história e de situações que foram debilitando o "quid" de cada família religiosa. Aqui mais do que em outro contexto vale o princípio da busca do carisma e da instituição. O profetismo é força eminentemente carismática.

A Igreja que vive entre nós, sabemos com toda clareza, se preocupa com as condições de vida, do presente e do futuro de nosso povo mais pobre e mais carente. Nossa Igreja tomou consciência de que precisa exercer uma grandiosa **missão libertadora** mais do que nunca. Não é o caso aqui de precisar melhor o que vem a ser libertação. A Igreja da América Latina fez uma opção preferencial pelos pobres. Evidentemente, a vida religiosa nos últimos anos esteve e está fortemente marcada por esta dimensão. Certo também que na atualização do carisma este elemento terá papel de ponto de referência. Essa ótica pastoral mobilizou e mobiliza boa parte das energias dos vários institutos de vida religiosa. Alguns anos após o Concílio **Puebla** já podia assim se exprimir: "Isto (a opção preferencial pelos pobres) tem levado à revisão das obras tradicionais, para melhor responder às exigências da evangelização. Igualmente

deitou luz mais clara sobre a relação dos religiosos com a pobreza dos marginalizados, que já não supõe somente o desprendimento interior e a austeridade comunitária, mas também a solidariedade, partilha e, em certos casos, convivência com o pobre" (n. 734). Nestas linhas aparecem dois critérios que haveriam também de nortear a adaptação do carisma aos tempos de hoje: a evangelização e a solidariedade com os mais marginalizados. O Documento "**Perfectae Caritatis**" já se havia referido à questão das obras próprias aos institutos desta maneira: "Os institutos conservem com fidelidade e realizem as obras que lhes são próprias. Em vista da utilidade da Igreja universal e das dioceses, adaptem-nas às necessidades dos tempos e lugares, empregando os meios oportunos mesmo que sejam novos. Abandonem porém aquelas obras que nos dias de hoje menos se acomodem ao espírito e à índole autêntica do instituto. De toda forma se conserve o espírito missionário nos institutos religiosos e conforme a índole própria de cada um se adapte às condições hodiernas, de forma que a pregação do Evangelho entre todos os povos se realize de maneira eficiente" (n. 20).

Foi necessário um grande despojamento dos religiosos. Os mais idosos tiveram dificuldades em realizar estas transformações. Muitos capítulos tiveram a coragem de deixar obras que perderam seu significado evangelizador. Foi morte dolorosa. Não citamos casos para não omitir algumas experiências que talvez foram importantes e desco-

nheçamos. O trabalho de revisão das obras e de abertura à evangelização dos pobres se fez também porque os fundadores, as mais das vezes, eram homens apaixonados pela pobreza e pelos marginalizados da época. Inúmeros institutos nasceram para cuidar de órfãos, da educação dos pobres, dos doentes, dos anciãos.

Os fundadores eram pessoas profundamente despojadas pessoalmente, vivendo a pobreza em sua plenitude e sedentos de ir ao encontro dos mais carentes da terra. Não dispunham de grandes aparatos para a realização de sua missão. Davam tempo e coração num idealismo que caracterizou os primórdios das famílias religiosas. Assim, em nossos dias, os discípulos dos grandes mestres fundadores, animados pela Igreja que se volta para os menores da face da terra, que compreende ser importante anunciar a boa nova aos pobres, questionam as obras e atividades que não entrem na linha desde empenho de evangelização dos marginalizados, não admitem distanciar-se dos pobres e buscam mesmo o viver com os pobres, não somente ocasionalmente, mas sempre. Houve muita imaturidade neste campo. Religiosos que se desvincularam de suas sadias tradições cometeram erros e enganos. Muitos deles já deixaram a vida religiosa. Mas muitos estão corajosamente inseridos nos movimentos de libertação total do homem. Imaginemos as dificuldades experimentadas pelos filhos de São Vicente de Paulo e de São Francisco de Assis, pelas religiosas que herdaram grandes e sofisticados hospitais que só podiam ser fre-

qüentados pelos grandes da terra, que tinham escolas somente para as elites! Esse confronto foi doloroso para muitos e profundamente libertador para outros. Assim, a atenção dada hoje à evangelização dos pobres forçou a que os religiosos colocassem a luz de seu carisma na história de hoje.

Evidentemente, na concretização desse desejo de despojamento algumas vezes houve equívocos. O documento de **Puebla** assim se expressava: "Preocupa-nos o abandono sem consulta de obras que tradicionalmente estiveram nas mãos de comunidades religiosas, como colégios, hospitais, etc." (n. 737). Religiosos solidamente formados em sua comunidade, homens e mulheres de oração, religiosos abertos à ação do Espírito hoje tiveram a alegria de entrar no caminho do despojamento em seu ser e em seu agir. São luz evangelizadora na Igreja local.

Outra característica hodierna da vida religiosa é a **intensificação da vida fraterna**. De uma comunidade de vida religiosa estática passou-se para um maior dinamismo entre os irmãos em seus contatos internos e externos. As reuniões comunitárias locais ganham mais verdade. Há maior partilha de vida. Os religiosos se servem de textos deixados pelos fundadores e da tradição de sua comunidade para refazer o tecido fraterno interior. Num mundo de massificação e interesses egoístas, de competição e coletivização incide a pujança da fraternidade nascida do apelo do Evangelho e vivida pelos fundadores de forma intensa e vigorosa. Assim as comunidades fraternas se tornaram simples. As diferentes fraternidades re-

ligiosas buscam relações simples, questionam comunidades frias e impessoais, criam-se laços de diálogo entre superiores e súditos. Os homens do mundo apreciam essa simplicidade fraterna e os religiosos evangelizam as estruturas massificantes de nosso mundo. A reconstrução do tecido fraterno das comunidades foi provocada pelo mundo desumano e pelas inspirações dos fundadores. As Igrejas locais contam muito com esses focos de amor fraterno.

As mais das vezes no surgimento de muitas famílias religiosas está um apelo à **experiência de uma oração total e absorvente**. Uma das características da vida religiosa é precisamente buscar uma profunda experiência de Deus. É típico dos albores das famílias religiosas a intensidade de vida de intimidade com Deus. Não poucos institutos sempre conservaram em seus horários longos espaços para a meditação, para a solenização do ofício divino e da celebração eucarística. Através dos séculos muito bem foi feito ao povo cristão pela vida de oração dos religiosos. Pensemos de modo especial nas famílias religiosas que sempre tiveram o escopo de organizar dias de retiro e de recolhimento para os fiéis desejosos de buscar a Deus. Mas certamente não só os religiosos contemplativos, mas todos os consagrados são responsáveis pelo aquecimento do mundo. Nossos tempos não querem um relacionamento formal com o Senhor, mas buscam uma profunda experiência de Deus. Essa experiência de Deus não se faz somente na meditação silenciosa, mas impressiona observar que os fundado-

res sempre passaram horas a fio, noites e dias, em profunda absorção orante. Todos os religiosos tentam (ou deveriam tentar) refazer em suas vidas a experiência de Deus à maneira de seus Mestres fundadores. Sabemos que cada fundador fez experiência diferente de Deus. Na medida em que as comunidades hoje se entregam à oração iluminadas pela experiência dos fundadores contribuem eficazmente para salvar o mundo da superficialidade. Muitos de nossos contemporâneos não rezam, rezam pouco ou rezam mal. Incrível observar como a oração dos cristãos é interesseira e calculista! Vale ainda hoje a reprimenda de Jesus para todos: "Esse povo me honra com os lábios, mas seu coração está longe de mim." Há, em nossos dias, algumas manifestações "exóticas" de oração. O religioso dado à meditação profunda do Senhor saberá corrigir esses desvios. Não poucas comunidades rezam com o povo, iniciam os fiéis na meditação dos salmos e na meditação das Escrituras. Religiosos de vida ativa compreenderam que precisam inserir em seus planos de evangelização a oração serena inspirada em sua família religiosa e no espírito dos fundadores. Infelizmente não poucos religiosos perderam o gosto pela oração e, em nome do ativismo, não rezam mais com o coração.

Outra característica da vida religiosa em nossos dias é sua **inserção na Igreja local**. Sabemos que o Concílio deu lugar de honra à Igreja local com suas características próprias. Nunca, nos últimos tempos, a diocese foi tão valorizada. Não poucas vezes os religiosos

eram como grupos "ao lado" da vida diocesana. Algumas vezes mesmo os bispos davam a entender que não se misturassem na vida dos fiéis. Hoje compreendemos a necessidade de que os religiosos vivam integrados nos planos de pastoral das Igrejas particulares e sejam estreitos colaboradores dos agentes de pastoral diocesanos. Os pastores sentem necessidade dos diversos carismas para que o Evangelho seja anunciado com maior pujança. Pode ser que ainda hoje os pastores não valorizem suficientemente a força dos religiosos. Pode ser que alguns religiosos, absorvidos em seus trabalhos particulares como escolas e outras atividades, não estejam dando à Igreja local o colorido que precisariam dar. O fato é que muitos religiosos, sobretudo párocos e vigários paroquiais, são estreitos colaboradores das dioceses. Nem sempre, vivendo no fervilhar de atividades esses religiosos conseguem mostrar o que lhes é específico. Pode mesmo acontecer que organismos de atividade pastoral considerem religiosos e leigos como "empregados", como agentes de atividades de uma central pastoral. O importante é que cada comunidade religiosa dê sua colaboração à sinfonia da Igreja local. A experiência tem mostrado que, na medida em que estiverem lucidamente inseridos na Igreja particular, os religiosos serão excelentes colaboradores da evangelização. Felizes as dioceses que tiverem o carisma orante das carmelitas e das clarissas, o espírito serviçal e caritativo das Filhas de São Vicente, o profundo senso educacional dos salesianos ou dos lassalistas.

#### 4. Será mesmo possível reavivar o carisma fundacional?

Feitas estas reflexões e partindo-se da certeza de que as Ordens e Congregações estão realmente empenhadas em realizar o pedido de "Perfectae Caritatis", perguntamos se é possível mesmo reavivar em plenitude o carisma fundacional.

a) As atualizações foram sendo realizadas. Os monges procuram voltar à vida simples da comunidade-família com a supressão de acréscimos estranhos ao próprio espírito. Embora inseridos numa determinada Igreja local não têm como preocupação direta o apostolado. Querem buscar a Deus que os chama à contemplação e à experiência silenciosa dos valores transcendentes. Os franciscanos insistiram na fraternidade, pobreza, estilo de vida apostólico, vocação missionária para os que estão longe. Curioso notar que no Concílio havia grande número de bispos missionários franciscanos. Os dominicanos querem assumir parte da missão dos apóstolos segundo a forma concebida por S. Domingos: vida comum, profissão dos conselhos evangélicos, fervor na celebração comum da liturgia e da oração, consagração ao estudo. Tudo isto os leva à pregação da Palavra de Deus para salvação dos homens. Os jesuítas buscaram e buscam uma disponibilidade apostólica frente a um mundo em ebulição, maior atenção à liberdade espiritual (por exemplo na oração), novo estilo de relações fraternas, busca de síntese entre obediência e responsabilidade. E assim por diante. Es-

tamos diante do trabalho de busca da identidade dos religiosos no mundo de hoje. O trabalho continua.

b) Na realidade, para atualizar o carisma, seríamos tentados a dizer que os religiosos deveriam ser santos como santos foram os fundadores. Os institutos promoveram e promovem dias de estudo sobre o espírito de sua comunidade. Mas fica sempre a necessidade de que os religiosos sejam efetivamente santos e carismáticos como seus Mestres. Junto com esta santidade e abertura ao Espírito Santo é necessário conhecer o contexto histórico de ontem e fazer a transposição para as atuais circunstâncias do mundo. Difícil é impregnar certas culturas com o cristianismo; difícil é que certos carismas falem ao homem de hoje quando não houver total transparência dos religiosos.

c) Já chamamos a atenção para o binômio carisma/instituição. Conhecemos sua história tumultuada através dos séculos de vida da Igreja. Os tempos das fundações, via de regra, são tempos de efervescência religiosa e espiritual, de ilimi-

tada generosidade e de incontrolável efusão de vida. São conhecidas as decepções dos fundadores ainda em vida. Logo que a família religiosa começa a crescer, perde em qualidade. O carisma fundacional necessariamente vai se institucionalizando e a vida entra em "trilhos" batidos. A qualidade deixa de existir quando a quantidade se faz presente. Os fundadores sentiram claramente que o ideal que os arrebatara perdeu sua força com a mediocridade dos homens e o peso da institucionalização. Os escritos dos fundadores são cheios de unção e limitam-se a citações de ordem espiritual ou então de textos dos evangelhos. Até que ponto podem viver juntos carisma e instituição? Quando certos jovens ingressam hoje em famílias religiosas antigas não entendem que elas tenham esquecido tão rapidamente os primeiros amores de seus inícios. A "aculturação" do carisma se torna assim difícil. Mas não impossível. Nas diferentes famílias permanece vivo o espírito do fundador. Que o Espírito permita o florescimento das famílias religiosas neste final do século XX! □

---

### **Viver no passado ou viver com o passado?**

Viver só *NO* passado, isto é, viver de saudades é o meio de aniquilar em nós o que há de supremo em vossa vida. No entanto, viver *COM* o passado, ressaltar as analogias e as singularidades, tê-lo sempre como inspiração de nossa saudade é renovar constantemente o calor do presente e dar sentido prospectivo e transcendente a um mais além do imediato espacial e temporal que a vida aguarda ansiosamente (*Pe. Marcos de Lima, SDB*).

# IDENTIDADE E MISSÃO DA VIDA RELIGIOSA NA IGREJA DE HOJE

*Encontramos dificuldades também porque respondemos a apelos NOVOS com mentalidade NOVA, enfrentamos atividades NOVAS, mas com esquemas ainda VELHOS. O vinho foi trocado mas não ainda todos os odres.*

**Pe. Calisto Vendrame, MI**

É uma honra e um privilégio para mim, partilhar com vocês, queridos Irmãos e Irmãs, Bispos e Religiosos, algumas reflexões de caráter teológico e pastoral sobre a identidade e o significado da vida religiosa na Igreja e no mundo de hoje. É um tema quente não só para os religiosos, mas também para a sociedade, para os governos, para os poderosos deste mundo que ficam perplexos, quando não alarmados, e se perguntam: o que é que está acontecendo com este manso e pacífico exército da Igreja?

Com relação à vida religiosa está acontecendo na sociedade de hoje o que acontece com a energia atômica, com a qual o mundo desenvolvido convive há muito tempo e só deu pela sua presença e se apercebeu do seu poder quando explodiu a central nuclear de Shernobil. Esquecendo que centenas de centrais atômicas há muito tempo geram energia e luz para o bem e

progresso da humanidade, muitos saíram pelas ruas apavorados, falando despropósitos.

Acontece, porém, que também no seio da Igreja e da própria vida religiosa houve e há preocupação. A comunidade religiosa de hoje não parece mais ser aquela que a gente conhecia e apreciava no passado. Antes ela parecia uma nave espacial, muito perto do céu, levando gente contente e tranqüila rumo a campos de apostolado bem conhecidos como: escolas, hospitais, paróquias e outras obras, guiada pelo superior que tinha visão clara do roteiro a seguir, bem definido pela doutrina e disciplina, e balizado pela regra, coadjuvado em seu ofício pelos votos dos súditos, sobretudo pelo de obediência, com base firme na humildade e na renúncia. Hoje, a comunidade mais se parece com um barco muito perto do povo levando gente feliz, mas inquieta, remando rumo às necessidades do

povo com pistas iluminadas pela Palavra de Deus e traçadas pelo amor, na fé e na esperança e guiado pelo Espírito Santo, na linha dos conselhos evangélicos, no espírito de serviço. Deixando a direção ao Espírito Santo, o superior se pôs no meio de seus irmãos, animando-os, criando espaço para o discernimento e anunciando com autoridade a vontade do Pai, descoberta no diálogo fraterno, à qual ele é o primeiro a obedecer.

Como marco da mudança é indicado o Concílio Vaticano II, ou a interpretação do Concílio Vaticano II. O certo é que as mudanças estão aí a partir do Vaticano II, e eu quisera falar da vida religiosa a partir deste divisor de águas.

## Vida religiosa e Vaticano II

O Vaticano II tratou expressamente da vida religiosa em dois documentos: na *Lumen Gentium* (cap. VI, 43-47) e na *Perfectae Caritatis*. No primeiro, acentuando a linha vertical e aprofundando a consagração; no segundo, abrindo pistas para a missão e dando diretrizes para a renovação.

Mas para entender as mudanças da vida religiosa nestes últimos anos é necessário ter presente todos os documentos do Concílio, especialmente o *Gaudium et Spes*.

A problemática a que o Vaticano II queria responder não era só da vida religiosa, nem só da Igreja, mas da sociedade e, em última análise, do homem que passava e passa por uma profunda crise de identidade e transformação: do homem

que toma sempre mais consciência de sua dignidade, que desenvolveu extremamente o sentido crítico e, de simples expectador, quer passar a ator da história.

O Vaticano II valorizou, de um lado, a pessoa humana e, de outro, a comunidade: duas realidades que parecem contrárias, mas que se complementam, pois a pessoa cresce na medida em que se abre à comunidade e a comunidade só merece este nome se é constituída de verdadeiras pessoas: livres, responsáveis e co-responsáveis, capazes de participar e de viver em comunhão. Tudo o que toca o homem toca a Igreja, e tudo o que toca a Igreja repercute na vida religiosa e de forma mais intensa.

Os religiosos foram as pessoas que mais tomaram a sério, seja no estudo, seja na aplicação prática, o Magistério da Igreja expresso nos documentos conciliares. É impressionante a produção de livros, artigos, cursos, conferências que registram e desenvolvem sua reflexão teológica e pastoral, e inúmeras são as iniciativas no campo da formação e do apostolado, fazendo jus ao nome de **vanguarda** da Igreja (Paulo VI, Puebla) e de "pioneiros nos caminhos da missão e nas sendas do Espírito" (João Paulo II).

Quisera somente acenar alguns pontos do Vaticano II que deslancharam a vida religiosa.

1 — Em primeiro lugar, não é de secundária importância que o Concílio tenha mudado a terminologia: o *estado* religioso passou a denominar-se *vida* religiosa, com tudo o que

isto significa de movimento e dinamismo.

2 — A vida religiosa é apresentada como um *dom* de Deus à Igreja para sua missão no mundo. A vida religiosa não é justa-posta, nem sobre-posta à vida cristã, mas é a própria vida cristã vivida em modo radical. É muito mais importante o que ela tem de comum com todos os cristãos do que o que a especifica. Daí a necessidade de viver a estupenda realidade que está por trás dos votos e lhe sustenta todo o arcabouço, a realidade que se exprime no famoso tripé:

- experiência de Deus;
- experiência de fraternidade;
- engajamento na missão.

3 — A lei suprema da vida religiosa é o Evangelho, sua realização é o seguimento de Cristo, homem livre e libertador, que viveu em comunhão com o Pai a serviço do homem.

Seguir o Cristo na vida religiosa é assumir e adotar seu estilo de vida. É ser como o Cristo que foi um homem sem família, sem dinheiro e sem poder, mas identificado com o amor, com a verdade e com a vida; comprometido com a justiça, com a fraternidade e com a paz. É ser como ele: homem para-os-outros, o irmão ou irmã universal que vê em cada homem um irmão, em cada mulher uma irmã, que não vê nos conselhos evangélicos freios à realização pessoal, mas pistas abertas para a livre doação a serviço do Reino.

4 — O Vaticano II nos fez ver o sentido positivo teológico, ecle-

sial e social dos votos e da vida comum, para além do sentido jurídico que nos explicava o famoso catecismo dos votos.

5 — O Vaticano II nos fez sentir membros vivos e atuantes na Igreja particular e universal, homens do povo e cidadãos do mundo, solidários dos irmãos mais pobres, testemunhas qualificadas do amor misericordioso e redentor de Cristo.

6 — Sobretudo, o Vaticano II nos deu a chave da renovação e do aggiornamento indicando duas normas para redefinir nossa identidade. Primeira norma, a volta às fontes de toda a vida religiosa e do próprio carisma, isto é, volta ao Evangelho e ao Fundador; segunda a atenção à realidade presente, isto é, aos apelos do homem de hoje, aos apelos dos destinatários da nossa missão. Temos toda uma série de documentos pós-conciliares que se movem sobre estes dois eixos e fazem contínuos apelos à fidelidade dinâmica à nossa identidade e à nossa missão, indicando os pontos básicos que coincidem exatamente com as normas mestras do Concílio.

Por exemplo o documento RPH — “Religiosos e Promoção Humana” — nos recorda quatro grandes fidelidades:

1. Fidelidade ao homem e ao nosso tempo.
2. Fidelidade a Cristo e ao Evangelho.
3. Fidelidade à Igreja e à sua missão no mundo.
4. Fidelidade à vida religiosa e ao carisma próprio do Instituto.

É interessante notar que o Papa João Paulo II, na recente viagem à Colômbia, falando ao CELAM, também indicou quatro fidelidades que mais ou menos coincidem com estas, mas é interessante destacar que ele coloca no primeiro lugar — dizendo explicitamente “em primeiro lugar” — a fidelidade ao **Espírito Santo**; em segundo lugar, ele coloca a fidelidade à Palavra de Deus, dizendo que nós estamos, como afirma o último Sínodo: “sub Verbo Dei” — debaixo da Palavra de Deus; em terceiro lugar, ele fala da fidelidade dos Bispos à Igreja; não diz propriamente à Santa Sé, mas à Igreja, que eles estão servindo porque eles foram colocados pelo Espírito Santo para servir o povo de Deus numa Igreja particular; em quarto lugar, ele coloca a fidelidade ao homem.

No ano passado, na sua visita à Venezuela, falando aos sacerdotes e religiosos, em Caracas (janeiro de 1985), ele aponta duas fidelidades que mais ou menos englobam todas estas quatro, quando diz textualmente:

“En la Virgen del Magnificat hay dos fidelidades estupendas que marcan también vuestra vocación; una fidelidad a Dios e a su proyecto de amor misericordioso y una fidelidad a su pueblo. Sed también vosotros fieles a Dios y a su proyecto. Sed fieles a vuestro pueblo.”

Aí estão duas fidelidades que mostram de onde se deve partir para definir a nossa identidade de religiosos. Primeiro ao Espírito Santo, ao projeto original, projeto de

Deus, projeto de Cristo que se substancia para cada um de nós no carisma fundacional, e na fidelidade à realidade atual, isto é, às necessidades do homem de hoje. Com outras palavras, João Paulo II quer que nós sejamos fiéis à origem pneumática que fica sempre como critério de identidade de cada Instituto, porque é constitutiva da sua natureza própria, e fiéis aos apelos da realidade no hoje de Deus. Fazendo uma releitura das nossas origens à luz da nossa missão no mundo de hoje, podemos entender melhor o próprio carisma fundamental; “a profunda compreensão das necessidades atuais e do mundo moderno deve fazer jorrar vossas nascentes com nova vitalidade e vigor” (ET). Por outro lado, a nossa fidelidade deve ser “capaz de trazer ao hoje da vida e da missão de cada Instituto a audácia com a qual os fundadores se deixaram conquistar pelas intenções originárias do Espírito” (RPH, 30).

À luz destas considerações poderíamos refletir sobre diversos temas fundamentais que aparecem hoje em toda a sua força e atualidade. Para dizer a verdade, neste sentido já se refletiu muito e se andou um longo caminho, nestes 20 anos. Nesta caminhada podemos relevar especialmente quatro níveis:

1 — Os documentos oficiais da Santa Sé, do CELAM (Medellín, Puebla) e discursos do Papa.

2 — Renovação das Constituições dos diversos Institutos.

3 — O engajamento dos religiosos e religiosas na sociedade, no submundo, na transformação da sociedade.

#### 4 — A reflexão teológica.

Quero acenar apenas, brevemente, à reflexão teológica que foi abundante e por vezes profunda, nas mais diversas direções.

Temos em primeiro lugar os comentários dos documentos oficiais; temos tratados gerais, sistemáticos, estudos do carisma da vida religiosa e dos carismas fundacionais, de hermenêutica e da realização das intenções profundas dos fundadores, no mundo de hoje.

Os temas mais aprofundados são: o fundamento bíblico da vida religiosa; o seguimento de Cristo; a consagração religiosa; a contemplação e a ação (unidade); a especificidade do ser religioso; a vida religiosa na história; o carisma **de** fundador e o carisma **do** fundador e a inserção dos religiosos na Igreja Particular, no mundo, nos meios populares.

Alguns temas se entrelaçam e se iluminam mutuamente, tais como: consagração e missão, contemplação e ação. Seu estudo ajuda a resolver problemas muito atuais e cruciais da vida religiosa, como aquele da dicotomia entre oração e trabalho que parece ter criado dificuldade desde os tempos apostólicos (cf. Lc 10, 38-42; Marta e Maria) e é ainda motivo de preocupação por parte dos religiosos e de freqüentes chamadas da parte da Santa Sé e dos Bispos empenhados no aperfeiçoamento da vida religiosa.

#### **Contemplação e ação**

Deixando de lado o tema atualíssimo do sentido profundo da consa-

gração para a missão, vou tecer algumas considerações em torno da contemplação e ação.

Já o Vaticano II (no PC, 8) deu uma orientação muito esclarecedora ao declarar oficialmente que a ação apostólica pertence à própria natureza da vida religiosa dos Institutos que se dedicam à vida apostólica, concluindo daí “que toda a vida religiosa dos membros dos Institutos deve estar impregnada do espírito apostólico e toda ação apostólica informada do espírito religioso”.

Para dizer a verdade, a linguagem trai ainda uma mentalidade dicotômica, pois não é propriamente a vida religiosa, mas a oração que supostamente se contrapõe à ação apostólica. Há ainda, aí, uma identificação verbal da vida religiosa com a oração, embora afirmando que também a ação apostólica é parte essencial da vida religiosa.

A solução do problema não está propriamente no prolongar o tempo da oração, pois não se trata tanto de “contemplata allis tradere” (levar aos outros o que se contemplou) quanto de conseguir a unidade, sendo contemplativos na ação e ativos na contemplação.

É o desafio da própria vida cristã, que se desenrola e se realiza na história. O amor de Deus e do próximo não pode ser vivido só psicologicamente, mas deve traduzir-se em ação concreta, num determinado contexto sócio-cultural e mesmo político. Se o Cristo tivesse vivido só absorto na contemplação, ninguém se teria lembrado de crucifi-

cá-Lo. E nós não estaríamos aqui, hoje... Acontece que a própria ação é realização da missão, realização do Reino, em comunhão com Deus a serviço do homem. É uma ação conjunta com o Pai; "como o Pai está agindo eu ajo". É oração.

É claro que para se conseguir esta comunhão consciente com Deus na ação conjunta com ele na realização do seu projeto, necessitamos de momentos fortes de escuta de sua Palavra e celebração do seu louvor, na solidão e em comunidade.

Para agir conscientemente nesta atmosfera de fé, é preciso saber tomar distância e ao mesmo tempo confrontar-se com a realidade, para discernir o desígnio de Deus no coração da história: precisa conhecer e deixar-se interpelar pela realidade. Ela questiona e ajuda a redefinir a nossa identidade.

### **Dimensão histórica da vida religiosa**

A dimensão histórica da vida religiosa, e em certo sentido também da Igreja, é uma das grandes linhas da reflexão teológica de hoje. A Igreja redescobre ou toma consciência nova da sua missão na história concreta do povo e da dimensão histórica do próprio cristianismo. É engajando-se, envolvendo-se na vida e atividade do povo, como sal, como fermento e luz, que ela o transforma e cumpre sua missão: levar os homens à comunhão entre si e com Deus. Exatamente como Jesus que amava e obedecia ao Pai servindo e salvando o homem.

São João diz na sua primeira carta, que se Deus nos amou, nós

também devemos nos amar uns aos outros (1Jo 3, 16: Cristo deu a vida por nós, nós também devemos dar a vida por nossos irmãos). Segundo a nossa lógica, deveria ter dito assim: se Deus nos amou nós também O devemos amar. Mas Ele diz que se Deus nos amou nós devemos amar os outros, identificando-nos com Deus que é amor, colaborando com Ele na salvação do mundo. O fato de amarmos e servirmos aos outros é uma consequência lógica do amor de Deus para conosco.

A descoberta da dimensão histórica da vida religiosa nos ajuda a distinguir o absoluto do relativo, a não tomar os meios e as mediações como fins, a corrigir a tendência que temos de absolutizar o relativo, de confundir o espírito do fundador com o espírito da época do fundador.

Para ser fiel a uma **tradição** mal entendida, o povo de Israel faltou de fidelidade histórica à Palavra de Deus, rejeitando o Cristo.

A nossa identidade se constrói sobre o que é absoluto no Evangelho lido no contexto histórico, cultural e social em que vivemos. A vida religiosa para ser vida, deve ser datada e localizada. Deve encontrar o seu "Sitz im Leben" no hoje de Deus, no hic et nunc da Igreja e dos destinatários da nossa mensagem.

Por isso, a identidade religiosa não é conquistada uma vez por todas. Cada geração e cada país, para viver o presente e preparar o futuro, deve re-escrever sua história, seu passado. A tradição que se fechasse

ao presente e fosse ao encontro do futuro com a cabeça virada para trás, seria uma traição.

Nossa fidelidade deve ser dinâmica, que não vem só de dentro, mas da confrontação com os outros e com os apelos de Deus na história. Se ficássemos fechados em nossas casas, auto-alimentando-nos ad intra como as abelhas no inverno, não teríamos futuro porque nossa vida perderia sua razão de ser.

Espero que esta reflexão possa ajudar a entender algumas das muitas mudanças na vida dos religiosos que podem até alarmar quem não está por dentro da caminhada feita a partir da visão do Concílio Vaticano II, e ajuda a saber compreender alguns movimentos um pouco canhestros de quem ficou muito tempo parado.

A Igreja estava precisando de uma cura no tempo da reforma protestante e foi de certo modo, colocada no gesso, um pouco fora de circulação do mundo, pelo Concílio Tridentino. Sobretudo nós religiosos precisávamos ser curados de algumas distorções e fomos um pouco engessados e colocados dentro de um esquema monástico uniformizador. De repente o Concílio Vaticano II nos tira o gesso e nos põe a andar. Claro que os primeiros passos são um pouco difíceis e doloridos e encontramos dificuldades mesmo porque estamos enfrentando atividades novas e respondendo a apelos novos com mentalidade nova, sim, mas com alguns esquemas ainda velhos. Até certo ponto foi trocado o vinho, mas não ain-

da todos os odres. Há uma espécie de distância entre o ideal, a doutrina, diretrizes que por força devem ser universais e prescindem até do tempo e do lugar, e a práxis, isto é, a prática concreta que por vezes é incoerente e ainda não conseguiu conectar perfeitamente o novo com o antigo. Os elementos novos se misturam com elementos velhos sem formar uma síntese perfeita.

É normal então que existam ainda dificuldades que geram tensões e polarizações. No fundo, os problemas não resolvidos são até mais numerosos do desejável. Eu só poderia, aqui lembrar alguns para que os tenhamos presentes neste encontro.

No nível da legislação, existem problemas na elaboração e na aprovação das Constituições dos nossos Institutos. No nível da vivência da comunidade haveria que aprofundar o exercício da autoridade e a posição jurídica do irmão religioso dos Institutos clericais. Na relação com a Igreja, seja universal, seja local, existem ainda algumas dificuldades em conservar aquela autonomia própria dos carismas que o Espírito Santo suscitou. Também a imagem da mulher religiosa e seu lugar na Igreja poderiam ser aprofundados. Na relação com o mundo, a inserção na sociedade, a inserção nos meios populares, a inserção nas diversas culturas, tem ainda bastante caminho para andar, talvez algo a corrigir. A formação dos jovens religiosos e a formação permanente oferecem problemas ainda maiores que os da promoção vocacional.

Para resolver todos esses problemas é necessária uma conversão de coração. Devemos distinguir a conversão do coração que faz o santo e a conversão da mente (metanoia) que faz o cristão, porque pode haver santo sem ser cristão, como existiam santos no Antigo Testamento e existem santos ainda hoje em diversas religiões, e inclusive católicos que dão a Deus tudo aquilo que acham que Deus está pedindo, mas necessitariam de um crescimento na conversão da mentalidade, isto é, no conformar o próprio modo de ver com o do Cristo, do Evangelho e da Igreja que se pronunciou tão fortemente no Concílio Vaticano II pondo a caridade (como a Bíblia põe) acima de tudo e antes de tudo. Com uma conversão da mentalidade colocando a caridade em primeiro lugar, podemos resolver muitos problemas e também podemos continuar a viver na comunhão e na participação, embora não consigamos resolver todos eles em nível teológico e pastoral.

Para iniciar um diálogo entre nós, se o tempo permitir, vou expor algumas idéias sobre a inserção na Igreja particular e também sobre o chamado "magistério paralelo".

### **Inserção na Igreja Particular**

A Igreja universal se torna concreta e viva nas Igrejas particulares, onde o Bispo, "cum Petro et sub Petro", é pastor, não por delegação, mas por autoridade divinamente conferida, e é princípio e fundamento visível daquela unidade que só se encontra em Cristo e no seu

Espírito. Cabe ao Bispo o ministério de discernir, reconhecer e harmonizar os diversos dons que o Espírito Santo chama ou suscita na Igreja a ele confiada, dentro de uma pastoral orgânica onde cada membro do povo de Deus encontra o seu lugar. Aí também os religiosos e religiosas encontram o espaço da realização dos seus carismas de per si universais. Sua presença é uma riqueza para a Igreja particular e um apelo constante para a dimensão universal da Igreja.

O Bispo respeitará aquela autonomia própria do carisma e espiritualidade de cada família religiosa, ajudará a que os religiosos façam aquilo para que foram suscitados e preparados: não os chamará somente para a execução do plano de pastoral, mas também para a sua elaboração.

Os religiosos se abrirão à Igreja particular e à sua pastoral trazendo sua colaboração específica, pondo à disposição, com responsabilidade, seu dom recebido, procurando encarnar-se na cultura do povo para poderem estar adequadamente presentes nos lugares mais difíceis e de risco na sua reconhecida qualidade de pioneiros e na sua dimensão profética.

Assim também os religiosos se sentirão membros vivos e atuantes da Igreja particular, como todos os outros. A necessária mobilidade dentro da família religiosa pode por vezes prejudicar a continuidade de um trabalho muito importante na Diocese. Daí a necessidade de um diálogo entre o Bispo e os religiosos para um discernimento da vontade do Pai, único dono da Igreja.

## “Magistério paralelo”

Por magistério se entende o ensinamento oficial da Igreja relativo à fé e à moral, exercida pelo Papa e pelos Bispos em comunhão com ele.

Na Igreja católica o magistério é um só, como uma só é a fé e único é o Evangelho de Cristo (cf. Gl 1,6-7). Por isso não existe, nem pode existir um magistério paralelo que pretende contrapor-se ou substituir o magistério oficial da Igreja.

O que existe e existirá, como sempre existiu, também no Novo Testamento, são maneiras diversas de propor e explicar a única e idêntica fé. Pode-se então falar de um só magistério e uma pluralidade de teologias (cf. UR 4g. 17a).

Entre estas podemos distinguir as que têm por finalidade principal propor, ilustrar, provar e legitimar o ensinamento da fé e as doutrinas comumente aceitas, e as teologias de pesquisa que procuram respostas novas para problemas novos, para os quais o magistério oficial não pode sempre, de pronto, ter a resposta concreta. Mesmo porque, com algumas doutrinas comumente aceitas pode acontecer o que aconteceu com “o *textus receptus*” da Bíblia do qual, após estudos mais profundos, se acabou dizendo: “*textus receptus sed non recipiendus*”.

“Com efeito, os estudos e as descobertas mais recentes das ciências, da história e da filosofia despertam problemas novos, que acarretam conseqüências também para a vida e exigem dos teólogos novas investigações. Além disso os teólogos, ob-

servados os métodos próprios e as exigências da ciência teológica, são convidados sem cessar a descobrir a maneira mais adaptada de comunicar a doutrina aos homens de seu tempo, porque uma coisa é o próprio depósito da Fé ou as verdades, e outra é o modo de enunciá-las, conservando-se contudo o mesmo significado é a mesma sentença. Na pastoral sejam suficientemente conhecidos e usados não somente os princípios teológicos, mas também as descobertas das ciências profanas, sobretudo da psicologia e da sociologia, de tal modo que também os fiéis sejam encaminhados a uma vida de fé mais pura e amadurecida” (GS 62b).

Por isso eu acho ambígua demais a expressão “magistério paralelo” que pode levantar suspeitas, causar sofrimentos desnecessários, encorajar a delação anônima e vaga, criar divisões, desanimar a pesquisa de teólogos bem intencionados, com graves conseqüências para a nova evangelização da nossa sociedade e dos povos de culturas diversas.

Tem-se a impressão de que as divergências são mais de ordem metodológica e ideológica do que propriamente de fé e mesmo de teologia.

Por isso, sempre que nasçam divergências entre religiosos e Bispos, também em matéria de teologia, (pois a maioria dos teólogos são religiosos), o melhor é seguir o método das três instâncias ensinado pelo próprio Cristo, começando pela primeira: se teu irmão errar, vai e repreende-o entre ti e ele somente: se te ouvir, terás ganho teu irmão” (cf. Mt 18,15-18).

Os teólogos têm prestado ótimos serviços à Igreja, mesmo quando de início não foram entendidos, como aconteceu até com Sto. Tomás. É importante favorecer o diálogo entre eles para que se corrijam mutuamente, porque dificilmente a verdade se impõe por decreto. É o fulgor interior da verdade que convence todo homem de boa vontade.

Aí estão alguns pontos para serem aprofundados nesta assembléia onde já existe a desejada comunhão entre Bispos, religiosas, religiosos e teólogos.

Se o espírito que reina neste encontro se difundir em todas as dioceses da América Latina, a celebração do 5.º centenário marcará realmente uma nova era na evangelização destes povos. □

---

### Dois pensamentos

(1) Quando esquecido, o passado se vinga. Se considerado, torna-se testemunho e advertência ao que é e ao que virá. (2) O tempo que nos separa, também nos reúne, com o passar do mesmo tempo (*Pe. Marcos de Lima, SDB*).

### Ação suporte necessário à palavra

Bíblia — “Filho, vá trabalhar, hoje, na vinha. Sim, senhor, eu vou. Mas não foi”, Mt 21, 28-32.

Leitor — Dizer e não fazer, truque de sobrevivência nesses tempos em que as aparências é que realmente importam. O Evangelho, porém, condena este jogo de aparências, esta filosofia do fazer-de-conta. A lógica da hipocrisia, a moral da intenção, o discurso ineficaz. A mentira, a duplicidade, as exterioridades, a incoerência, o desperdício de gesticulação e as palavras vazias, a mímica, a dublagem. Preocupar-se, em demasia, só com a aparência revela não se ter o senso de Deus.

Bíblia — “Nem todo aquele que DIZ: Senhor, Senhor... mas aquele que FAZ...”, Mt 7, 21.

Leitor — É cômodo e simples falar, ser codificador de fórmulas. O que surpreende é a distonia com o fazer. A incontinência verbal, sem reassumir a prática efetiva se Jesus, sobre ser incongruência patética, produz uma redução substancial do primado de Deus em nossa vida. As aparências sufocam o espírito. A vida precisa ser síntese feliz do gesto e da interioridade. A realização da palavra na vida é exigência evangélica. A fé se alimenta e se nutre de oração. E se expressa pelas obras (*Pe. Marcos de Lima, SDB*).

# A VIDA ESPIRITUAL NA CRISE DA MEIA IDADE

*A crise da meia idade põe o homem em uma situação inédita em sua vida: de conquistador do mundo em um homem frágil, ajoelhado diante de si mesmo e diante de Deus.*

**Dom Pedro Perez Errazuriz, OSB**

Ponta Grossa, PR

Finalidade da Crise: Retornar ao Pai.

São João põe na boca de Jesus estas palavras, um pouco antes de sua prisão, paixão e ressurreição: "Saí do Pai e vim ao mundo; de novo deixo o mundo e vou para o Pai" (Jo 16,28). Nestas palavras percebe-se a intuição profunda e transcendente que Jesus tem de sua própria vida e, ao mesmo tempo, nos mostra que nossa existência nada tem de estático, senão que, como a d'Ele, é um movimento que parte de uma origem para retornar posteriormente a ela. Como Jesus, nossa vida saiu do Pai celestial para ir retornando lentamente, no decorrer dos anos, e cada vez, com maior consciência interna, ao Pai que nos doou a vida.

## 1. O Momento e a Intuição

Em que momento desta realidade dinâmica o homem começa per-

ceber que sua vida parece **adentrar-se** em algo misterioso, mais além de sua ocupação diária, de seus êxitos ou fracassos, em algo invisível, desconhecido, indirigível, atraente, profundo e que dá coerência a tudo que se viveu e sofreu antes e que se viverá no que lhe resta da vida e que lhe permite ver inclusive algo mais além?

O organismo que Deus nos deu está dotado do que chamamos a intuição. A intuição, um **imenso** dom de Deus, sabedoria que Deus colocou no coração de todo homem, não somente do cristão, para que possa encontrar o sentido real da vida, o caudal profundo que flui no seu coração.

Penso que a intuição começa a aguçar-se e a perceber o profundo da vida quando o fluxo de energia vital, esse fluxo que fez do menino desvalido um homem, um constru-

tor, quase um ser com consciência de tudo poder fazer com sua inteligência, sua vontade, seu espírito apaixonado, que está chegando a seu limite biopsíquico. O impulso lentamente, invisível e irreversivelmente começa a diminuir. Começamos, ainda que nos custa dar-nos conta e mais ainda aceitá-lo, a perceber que algo está passando conosco. Algo que não podemos deter. Algo inevitável. Mas não só isto, o mapa interior, as convicções, os valores, a rota, as opções até agora seguidas, começam a ingressar numa penneira cada vez mais fina; começa a se sentir uma sensação especial de inquietude frente a tudo o que se viveu e se fez, toma-se o peso de todo o passado, percebe-se a sensação de ter passado a vida fazendo coisas e não ter chegado todavia, em forma especial, a algo essencial que explique de modo mais visível e forte o verdadeiro sentido da vida.

É o momento em que, às vezes, tem-se a impressão de que ele mesmo não se encontrou com a profundidade de sua realidade humana nem com o mais profundo de sua religiosidade cristã.

Tudo parece vacilar, entra-se numa espécie de nevoeiro, no qual um intui que algo está terminando e algo, que já estava em gestação, está começando a dar sinais de um parto importante, transcendental e talvez definitivo. Tudo remexe-se, caem os estuques e as máscaras; racha-se o que até então poderia ter parecido fundamental. Sente-se medo, a sensação de que a situação está tão arriscada e crítica que ou tudo pode alcançar uma dimensão maravilhosa ou tudo pode afundar-se

e perder. Esta é a crise da meia idade: a intuição de que o futuro pode converter-se em algo sereno, profundo, pleno de sentido ou em uma realidade medíocre, débil, sem profundidade, triste, frustrada humana e religiosamente. É um dilema existencial vital: porque também intui-se que a vida não pode voltar atrás, não existe reencarnação, já passou a metade cronológica da vida, que se vai lentamente em um descenso biológico.

## 2. A Dor do Novo Nascimento

Existe, finalmente, um elemento que muitas vezes atua como estopim que aguça a intuição de que algo sério está passando em nosso interior, de que Alguém, com maiúscula, está removendo nossos alicerces. Este elemento é a dor. Algo inesperado e não desejado, que nos faz sofrer às vezes até as entranhas mesmas, nos invadindo e retorcendo-nos na impotência, no absurdo, numa solidão humana que morde e na ausência de Deus. A própria pessoa chega a ter a sensação de que foi exilada por Deus e inclusive pela sociedade humana. Deus é percebido quase como o culpável, quase como nosso pior inimigo, como um ser caprichoso que se reserva as explicações e o que projetará para o futuro. Entretanto, Ele esconde seu Rosto.

Passa o tempo, e a dor nos bate dentro do coração, rompendo e inclusive desencadeando um conflito em nossos esquemas humanos, religiosos e eclesiásticos. Rompe em forma lacerante até nossa tradicional imagem de Deus, produzindo em nós uma sensação de instabili-

dade humana e religiosa desconhecida e crítica. A fé cambaleia, a esperança e o amor a Deus parecem cansar-se. Até a dor da imagem de Cristo Crucificado ou a dor de nossos irmãos nos chocam e nos machucam, sem encontrar forças internas para superar-nos. A dor nos fere e nos parece incompreensível que possa provir de um Deus bom, gerador e amante da vida do homem. Não se percebe bem porque estamos feridos no solo e sim que Jesus Cristo passa ao largo junto a nós igual o sacerdote e o levita na parábola do Bom Samaritano.

A crise da meia idade põe o homem em uma situação inédita em sua vida: de conquistador do mundo em um homem frágil, ajoelhado diante de si mesmo e diante de Deus. Intuí curiosamente agora mais que nunca que Deus é o mais importante de sua existência, que ele tem que ajoelhar-se diante d'Ele como nunca haveria achado oportuno nem necessário; que Deus, no fundo, é o que tem toda a razão; que Deus está invadindo-o por todos os lados e ele não pode fugir d'Ele; que ele é como o cego Bartimeu do Evangelho que grita também: "Filho de Davi, tende piedade de mim... que eu possa ver" (Mc 10,46).

É o momento em que começamos a perceber que para entrar no Reino, na dimensão de Deus, é necessário nascer de novo. E por um parto dolorosíssimo no qual somos mãe e filho ao mesmo tempo; e o Espírito de Deus faz o parto deste novo nascimento para o Reino da humildade de coração, da relatividade de muitas de nossas coisas e da vida;

para o reino da dimensão de Deus em tudo, além do espaço e do tempo no qual até então achávamos que tudo acontecia.

Ao abrir-nos, pela força da dor, a uma nova dimensão da vida, começamos também percebendo a grandeza maravilhosa e misteriosa da dor. Percebemos que se não tivéssemos sofrido, nunca haveríamos conhecido o Rosto misterioso do Deus da vida, nunca haveríamos chegado a nos sentir irmãos de todos os homens. Durante o tempo da dor começou a aparecer inesperada e misteriosamente outras pessoas, desconhecidas até então, inclusive, às vezes, afastadas da Igreja Oficial ou que pouco acreditam em Deus, porém com entranhas de compreensão. Estas pessoas começam a ser as novas, verdadeiras, profundas e definitivas amizades da vida no humano e no religioso. Percebe-se, então, que a verdadeira humanidade está formada por aquelas pessoas que nasceram de novo pela experiência da dor profunda. A dor, por isso, derruba as divisões humanas. Os que sofreram intensamente sentem que o que une realmente os homens não é o credo religioso nem as idéias de qualquer tipo, mas a experiência da dor. A dor humaniza e fraterniza os que tem fé aos ateus: a dor nos faz sentir semelhantes no mais profundo de nossa existência, nos faz sentir pobres e filhos de Alguém com maiúscula. A dor nos dá a capacidade para compreender e ajudar a outros como nunca haveríamos podido fazer por nossa própria conta. Aquele que não sofreu na sua própria pele não pode compreender nem ajudar em

profundidade o irmão necessitado; não sabe como fazê-lo: não sabe também em que consiste a verdadeira e mais profunda pobreza do homem.

Assim, pouco a pouco, lentamente começa a aparecer no espírito machucado o sentido transcendente e positivo da crise. Neste momento começa-se a perceber o sentido misterioso daquela exclamação litúrgica cristã: "Oh, Feliz Culpa!"

### 3. A Crise Esconde uma Boa Nova

O rosto sofrido de Jesus começa a adquirir lentamente traços desconhecidos de serenidade, paz, liberdade interior, fortaleza, ressurreição à luz e à vida depois da morte na crise.

O Evangelho começa a ser percebido como uma Boa Nova: a vida em Deus e a fraternidade com toda humanidade tiveram que pagar um preço altíssimo e **esfolador**: a crise. Assim retornamos ao início: "Saí do Pai e vim ao mundo; de novo deixo o mundo e vou para o Pai" (Jo 16, 28).

A crise deu coerência, sentido e integração a nossa história pessoal. Elementos que nos pareciam soltos e absurdos começam de repente a adquirir o sentido de uma história de amor pessoal que Deus queria viver em profundidade com cada um de nós. Nossa afetividade, que foi especialmente abalada pela dor durante a crise, e nossos afetos com nossa percepção de Deus: sua justiça com nossos irmãos e irmãs de caminhada começam a serenar-se dentro

de uma dimensão mais profunda, maravilhosa e curiosa: a dimensão de um Deus Sábio, pleno de Amor, Amigo do homem.

Ao passar o momento mais forte da crise, com a sensação de morte e ressurreição que se experimentou, começamos encontrando mais gosto pela vida, mais gosto pelo Senhor Jesus, nos sentimos mais entregues à sua providência, começamos lentamente a dar graças a Deus por tudo que aconteceu, por esse mais além do imediato espacial e temporal, perdemos o medo à morte física, se bem que em nosso interior ficamos com uma espécie de medo à dor moral, queremos ver logo cara a cara a Jesus Cristo e n'Ele ver iluminada nossa história inteira com tudo que aconteceu.

Começamos mui lentamente de novo seguir o nosso caminho, com uma espécie de vitalidade e esperança novas que antes não sentíamos nem conhecíamos. Nossa intuição parece agora abrir-se a profundidades, percepções e horizontes desconhecidos.

A "vida eterna" na qual acreditávamos mais ou menos intelectualmente desde a infância, sentimos agora que chega a ser o artigo mais importante do Credo cristão. Creemos nela com uma espécie de imperiosa necessidade visceral, essas vísceras onde se alojou a dor em nós, a solidão e o cansaço da fé, a esperança e o amor a Deus, e onde produziu-se misteriosamente uma transformação da dor em esperança e uma necessidade de viver. Começamos a sentir que vai mudando nossa percepção de Deus: sua justiça chama-se agora para nós "abraço da

paz” e misericórdia; que o céu está aberto para todos porque ninguém existe sobre a Terra que não seja filho pródigo e filho do Pai. Que o sangue de Cristo termina por endireitar, algum dia no secreto da alma, o caminho do mais perdido da Terra, porque Deus não sabe nem pode perder e estivemos no amor do seu coração desde toda a eternidade “para ser um hino à sua gloriosa generosidade” (Ef 1,4-6).

Como consquência deste processo que nos remexeu fortemente e durante longo tempo até às raízes, sentimos de modo especialíssimo a fragilidade de toda nossa vida e de nossa história pessoal. É o momento em que começamos a descobrir e a olhar Maria, Mãe de Jesus, com outros olhos, como aquela mulher que nos revitaliza, protege, e cuida de nossa vida com a esperança e fé de sua maternidade: porque somos

irmãos de seu Filho. E ela é a encarregada de toda nossa vida, como mulher e como mãe (Jo 19,26-27). Então neste momento descobrimos o delicado e sugestivo mistério dos ícones orientais de Maria: O homem pode sofrer a dor e sobreviver a ela somente quando se sente **agasalhado** pela serenidade do seio de Maria, a mãe da vida eterna. Inclusive chegamos de repente a intuir que assim como Jesus é o rosto “masculino” de Deus Pai, Maria é o rosto “feminino e materno do Deus da vida”.

Continuamos, já não mais com um sentimento devastador de solidão humana e religiosa, nosso retorno à origem: nosso Pai Celestial. Recordamos aqueles breves versos do poeta espanhol Antônio Machado: “Acreditei minha lareira apagada, /remexi a cinza, /me queimei a mão.” □

---

## O pecado social

**Bíblia** — “Eu sou um Deus zeloso que vingó a iniquidade dos pais nos filhos, netos e bisnetos...”, Ex 20, 5. “Os pais comeram uvas verdes e prejudicados ficaram os dentes dos filhos”, Jer 31,29; Ez 18, 2.

**Leitor** — Não há dúvida: cabe a cada um a decisão sobre o próprio destino final. “Deus mostrará os projetos dos corações. E cada um receberá o louvor que merece”, 1 Cor 4, 1-5. No entanto, o mal tem conseqüências históricas. Nunca age e permanece apenas naquele que o pratica. É um mistério, o mistério da iniquidade, da comum união da malvadez. É o pecado social ou a face social do pecado pessoal. Mas inefável mesmo é a certeza de que a misericórdia de Deus atravessa a história, sem término. Vai “até a milésima geração”, Ex 20, 5. É, simplesmente, sem limites. Na bondade e no perdão, Deus é sempre o primeiro e o último. É fiel até o fim (*Pe. Marcos de Lima, SDB*).

# ÍNDICE ALFABÉTICO POR AUTOR

## CONVERGÊNCIA, ANO DE 1987

*Este índice foi feito seguindo este critério: AUTOR. E abrange apenas o ano de 1987. O primeiro algarismo representa o número da revista. E o segundo, indica a página.*

**Ir. Yolanda Nascimento, MJC**  
Rio de Janeiro, RJ

ALESSI, Ir. Flória — Irmãs da Divina Vontade: 25 anos de Brasil (Informe da CRB) .....	205/392
ALVES, Ir. Marinei Pessanha — Irmãs Missionárias da Imaculada: 50 anos nas pegadas de um projeto de Deus (1936-1986). (Informe da CRB) .....	199/15
ANTONIAZZI, Pe. Alberto — Que fizemos do Vaticano II? .....	199/17
ARAUJO, D. Serafim Fernandes de. CASTEJÓN GARCIA, Pe. Agostinho. MARTINS, Pe. Waldemar. FALQUETTO, Ir. Claudino — A Constituinte e a Educação (Informe da CRB) .....	205/388
AZEVEDO, Pe. Ferdinand, SJ — O Plano do Pe. Camilo Torrend, SJ, para a formação do Clero em Belém do Pará, 1914. (Informe da CRB) .....	200/78
AZEVEDO, Pe. Marcello de Carvalho, SJ — Damasco: referencial maior da oração de Paulo .....	201/149
— Dimensão política da oração cristã .....	204/379
— Discernimento e eleições nos Institutos Religiosos .....	206/497
— Pedagogia da oração em Paulo: alegria, oração, gratidão ..	202/246
— Perspectiva Paulina da oração cristã .....	203/315
— O tempo e crescimento interior .....	200/124

BAGGIO, Fr. Hugo D., OFM — Todos são chamados à santidade ..	206/468
BASTOS Ir. Maria Aparecida — Encontro Interregional das Direto- rias e Secretarias Executivas das Regionais de CRB do Norte e Nordeste (Informe da CRB) .....	207/518
BECKAUSER, Fr. Alberto, OFM — Sacrosanctum Concilium: Celebra- ção do Mistério de Cristo e da Igreja a 20 anos do Vaticano II ..	203/281
BOFF, Fr. Leonardo, OFM — A proposta do Vaticano II e sua recep- ção pela Vida Religiosa no Brasil .....	199/27
CALIMAN, Pe. Cleto, SDB — A identidade histórica da Igreja no Brasil nos últimos vinte anos .....	200/102
CALIS, Ir. Eliane de, SDS — II Encontro Nacional da Pastoral da Saúde (Informe da CRB) .....	206/465
— Seminário Nacional de Saúde (Informe da CRB) .....	200/67
— Seminário Nacional de Saúde (Informe da CRB) .....	206/451
CAVICH, Ir. Therezinha, P. Gap e CRESTANI, Ir. Alfredo Pasqual, FMS — CERNE XXXIII. (Informe da CRB) .....	201/132
CERVEIRA, Ir. Célia, SSD — I Encontro Latino-Americano de Bis- pos e Religiosos (Informe da CRB) .....	199/6
CNBB — Carta de D. Luciano Mendes de Almeida, Pres. da CNBB (Informe da CRB) .....	208/600
— A CNBB e o Ensino Religioso nas Escolas Públicas (Informe da CRB) .....	208/604
— Objetivo Geral da Ação Pastoral da Igreja no Brasil (Informe da CRB) .....	205/387
— Relacionamento entre a CNBB e a CRB (Informe da CRB) ..	205/387
CNBB. CONSELHO PERMANENTE — Não percamos jamais a espe- rança (Informe da CRB) .....	208/602
CNBB. PRESIDÊNCIA — Compromisso com a causa indígena (Infor- me da CRB) .....	208/600
— Repúdio as acusações contra o CIMI (Informe da CRB) .....	208/599
CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO — Ir. Vicente Cañas SJ, Missionário e Mártir (Informe da CRB) .....	206/462
COSTA, Ir. M. Rosa Dias da — Irmãs Escolares de Nossa Senhora. Jubileu de ouro da Província de São Paulo: 1937-1987 (Informe da CRB) .....	200/70
CRB — Encontro anual da Diretoria e Secreários Executivos Nacio- nais com os Presidentes e Secretários Executivos Regionais da CRB (Informe da CRB) .....	199/9
CRB — REGIONAL DE BELÉM. MASI, Pe. Nicola, SX — O papel do Religioso na luta pela justiça na terra (Informe da CRB) .....	200/86
CRB — REGIONAL DE BELÉM. IR. TEA, XAVERIANA — Dimensão Profética da mulher na Bíblia (Informe da CRB) .....	200/82

CRB — REGIONAL DE PORTO ALEGRE — Encontro Intercongregacional de Irmãos do Rio Grande do Sul (Informe da CRB) .....	204/330
CRB — REGIONAL DO RIO DE JANEIRO. CHALOUB, Ir. Suraya Benjamim, FMA — Políticas de ação no trabalho escolar (Informe da CRB) .....	201/136
CRB — REGIONAL DE SALVADOR. XXI ASSEMBLÉIA REGIONAL. PERANI, Pe. Cláudio, SJ — Profetismo da Vida Religiosa na Conjuntura Atual (Informe da CRB) .....	208/588
CRB — REGIONAL DE SÃO LUÍS — Resultado da sondagem sobre o tema "Inserção — Formação" (Informe da CRB) .....	208/583
CRB — REGIONAL DE SÃO PAULO — Dados Estatísticos (Informe da CRB) .....	204/331
CRB — REGIONAL DE SÃO PAULO. GRUPO DE REFLEXÃO DE RELIGIOSOS PRÓ-MENOR — O menor, desafio ao Profetismo da Vida Religiosa hoje no Brasil .....	200/89
DUBAY Thamas, SM — Crise de Vocações Religiosas (Informe da CRB) .....	204/332
DULLIUS, Ir. Paulo, FSC — O Religioso Leigo no Pós-Concílio: conquistas, impasses, desafios .....	204/350
EMANUEL DO R., Ir. M.J., OP — Dominicanas Contemplativas (Informe da CRB) .....	206/454
ENCONTRO NACIONAL DE REITORES DE SEMINÁRIOS MAIORES E INSTITUTOS FILOSÓFICO-TEOLÓGICOS e 5ª ASSEMBLÉIA DA OSIB (ORGANIZAÇÃO DOS SEMINÁRIOS E INSTITUTOS BRASILEIROS) — A Pastoral como eixo integrador da formação presbiteral. Critérios e sugestões (Informe da CRB) .....	200/74
ESCRAVAS DO DIVINO CORAÇÃO, Irmãs — Beatificação de Marcelo Spinola y Maestre, Cardeal Arcebispo de Sevilha e fundador das Escravas do Divino Coração: 29/Março/1987 (Informe da CRB)	206/457
FASSINI, Pe. Atico, MS — Ata da Reunião Conjunta da Presidência da CNBB com a Diretoria Nacional da CRB: 26/11/1986 (Informe da CRB) .....	201/133
— Irmã Cleusa, Missionária e Mártir (Informe da CRB) .....	206/460
— Nova Assessoria para a CRB Nacional; o Grupo de Reflexão de Psicólogos (GRP). (Informe da CRB) .....	204/327
— I Encontro de jornais e revistas católicos — (Informe da CRB) .....	203/263
— Seminário Nacional "Afetividade e Vida Religiosa". (Informe da CRB) .....	199/12
FRANCO, Ir. Regilena Muniz — Missão das Irs. da Providência de Gap na República do Benin (Informe da CRB) .....	208/596
GAIO, Ir. Olimpia, FAP — Vida Religiosa Feminina: Rompendo o Anonimato .....	205/423
GANTIN Cardeal Bernardin — A Virgem flel .....	202/201

GASCHO, Ir. Maria de Lurdes, CF e RIBAS, Ir. Jorge Moreira, FMS	
— CERNE XXXIV (informe da CRB) .....	205/390
— Ecos do CERNE XXXV (Informe da CRB) .....	208/582
GEBARA, Ir. Ivone — Vaticano II e a Vida Religiosa no Brasil. Pistas levantadas pelo Sínodo Extraordinário dos Bispos em 1985?	205/415
GIALDI, Fr. Silvestre — Pastoral Vocacional: Novos desafios ....	207/549
GRALATO, Ir. Bernadete, F.d.M — Filhas de N.S. da Misericórdia (Informe da CRB) .....	206/453
GUARESCHI, Pe. Pedrinho A., CSSR — O desafio do novo momento sócio-político nacional para a Vida Religiosa .....	203/296
GUIMARÃES, Fr. Almir Ribeiro, OFM — A fidelidade à Vocação e ao carisma congregacional a 20 anos do "Perfectae Caritatis" ..	208/612
HAMER, Card. Jerôme, OP e FAGIOLO, Dom Vincentius — Estatutos da CRB Nacional são aprovados (Informe da CRB) .....	205/388
HERREIRO, Ir. Aparecida — Missionárias de Santo Antônio Maria Claret (Informe da CRB) .....	205/391
INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL — Reflexão sobre a Ação Pastoral da Igreja no Brasil .....	205/394
IRMÃ EVELINA TRINDADE, ASC — 50 anos de caminhada no Brasil das Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo: 1936-1986 (Informe da CRB) .....	203/264
JOÃO PAULO II — A Função dos Religiosos Leigos na Missão da Igreja .....	204/323
— De Pentecostes de 1987 à Assunção de 1988, um Ano Mariano no caminho para o Terceiro Milênio .....	203/259
— "Que este Ano seja um grandioso 'Magnificat' " .....	208/579
— A via da Paz passa através do amor .....	199/3
— XIV Jornada Mundial de orações pelas Vocações .....	202/195
KRAUTLER, Dom Erwin, CPPS — A Causa Indígena no Ano da Consti- tuinte: A Nova Lei e as velhas ameaças .....	206/480
LAIN, Pe. Pedro. COSTA, Pe. Fernando D. CANALI, Pe. Augusto J. FIORESE, Pe. Afonso. Odoríssio, Pe. Mauro., Padres Passionis- tas — O seguimento de Jesus Cristo .....	201/183
LEERS, Fr. Bernardino, OFM — A clericalização da Vida Religiosa: um problema pastoral ou eclesiológico? .....	204/363
LENZ, Pe. Martinho, SJ — Fatores sócio-eclesiais das transforma- ções da Vida Religiosa no Pós-Concílio .....	202/224
LIBÂNIO, Pe. João Batista, SJ — O Menor Profeta? Sobre o tema da Campanha da Fraternidade de 1987 .....	205/437
— A Vida Religiosa no Pós-Concílio. Um modelo concreto na A. Latina .....	199/40

LIBERAIS, Ir. Helena Maria de, FDZ e FERREIRA, Ir. Maria José Soares, FDZ — 1º Centenário da Congregação das Filhas do Divino Zelo (Informe da CRB) .....	204/328
LISBOA, Pe. Paulo, SJ e OLIVEIRA, Ir. Maria Eunice de, CFMSS — O CETESP nº XX (Informe da CRB) .....	201/131
MARIA ANGÉLICA DA EUGARISTIA, Ir. OCD — Reencontro do PRO-FOCO I (Informe da CRB) .....	200/68
MARTINS, Ir. Hermengarda Alves, RSCJ — LIVRO NOVO: A Formação: um desafio para os Religiosos da América Latina ....	204/384
MASI, Pe. Nicolau, SX — Qual é o nosso Deus .....	201/141
MATOS, Frater Henrique Cristiano José, CFMM — O Religioso Leigo na Igreja e no Mundo .....	204/335
MC DONAGH, Ir. Brígida, MMM — Missionárias Médicas de Maria: 50º aniversário de fundação (Informe da CRB) .....	202/199
MIRANDA, Pe. Mário de França, SJ — Visão Panorâmica da Teologia especialmente no Brasil .....	206/488
NEEFJES, Fr. Félix, OFM — A Vida Religiosa e a causa da unidade dos cristãos à luz do Concílio Vaticano II .....	202/208
OLIVEIRA, Ir. Maria de, RA — As Religiosas da Assunção celebram os 75 anos de sua vida no Brasil (Informe da CRB) .....	200/72
OLIVEIRA, Ir. Maria Eunice de, CFMSS e LISBÔA, Pe. Paulo, SJ — A lembrança do XXI CETESP (Informe da CRB) .....	206/467
OLIVEIRA, Pe. José A. Netto de, SJ — Opção Evangélica e opção ideológica pelos pobres. Reflexões sobre o processo de formação .....	199/55
PEDRINI, Pe. José Carlos, CS — Centenário da fundação e presença no Brasil dos Missionários de São Carlos (Escalabrinianos) (Informe da CRB) .....	208/599
PEREZ ERRAZURIZ, Abade Pedro, OSB — A Vida espiritual na crise da meia idade .....	208/631
PIPOLO, Pe. Miguel, OMI — O Profetismo do Religioso no mundo do trabalho .....	202/240
PIUMATTI, Ir. Nuncia — A Congregação da Sagrada Família celebra o 1º Centenário de Fundação (Informe da CRB) .....	206/455
PLUMMEN, Pe. Humberto, CSSR — Relatórios da sondagem sobre o tema Inserção e Formação na Inserção (Informe da CRB) ....	207/519
PRESOTTO, Ir. Maria — Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora (Informe da CRB) .....	205/392
REHBEIN, Ir. Franziska Carolina, SSps — Vida Religiosa: Vocação de serviço à Igreja Universal e inserção na Igreja Local ....	207/536
REIS, Ir. Nilza Junqueira, RA. CORDEIRO, Ir. Maria Auxiliadora Vasconcelos, FMA. GRIMPO CAPIXABA — Vida Religiosa: um Projeto de Comunhão e Participação .....	207/561

*(Continua na terceira capa, ao lado)*



Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º andar / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299  
20031 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ  
1 de dezembro de 1987

### BOAS FESTAS DE NATAL! FELIZ E PRÓSPERO 1988!

Crescemos na medida em que se faz consciente em nós o caminhar do tempo. Na alternância dialética de presente, passado e futuro, sem arrancos, cada qual vai se amadurecendo. Sem atenção ao tempo, nada se faz de mais profundo em escala humana. Sofremos, queiramos ou não, a refração deste infindável jogo de espelhos característico do tempo. **O passado, o que esquecemos e permanece em nós como parte integrante de nossa personalidade, em forma de hábitos em nossa natureza**, não é uma figura perempta. Persiste como premonição. A reminiscência recolhe os traços de genuinidade, pessoal e social, e se faz sempre claridade viva a desfazer fantasmas. Nesta luz, **repensemos os nossos Natais**. Deles guardamos memória teimosa e límpida, uma recordação feliz, que a distância do tempo converteu em saudade.

#### — Mudou o Natal ou mudamos nós?

Toda mudança assusta e assombra. Mudar é descobrir a embriaguez do tempo e da morte. Passamos. Mudamos. Morremos. Um processo purgativo, revelador da face cruelmente dura e realista do tempo, a experiência consciente do próprio limite. **As horas tardias do crepúsculo, último segmento de uma curva descendente, assinalam**, de forma paradoxal, **para o alto, como o lugar da idade de ouro**. O tempo, turbina de movimento implacável, a tudo põe em marcha. Transfigura o que já não é em aquilo que está para ser. Viver é um estacionar-se no espaço entre o ido e o que virá, como instável fronteira aberta, simultaneamente, ao que se foi e ao que há de ser, sem fim e sem passar. O homem está nesta enCRUZilhada, atando as pontas do tempo, vendo e vivendo na sua máquina, o desfile do futuro para o passado, via presente.

#### — Mas será, exatamente, assim, a vida?

Conservar e mudar são as duas faces desta mesma moeda: VIVER, síntese conciliadora da continuidade e da mudança para além da lógica pura. Ninguém pode apagar, por inteiro, o processo mental e partir de uma pauta em branco. Ignorar o conceito de viver como levar avante o passado, sem se perder em miudezas, é estratégia sinuosa, temeridade e fórmula exata para se obter labilidade crescente, fabricar aventuras de risco incalculável e gratuito, pactuar com o logro, criar conflitos irreduzíveis. **Não é lícito brincar de viver**. Sem o passado, ninguém conhecerá decisões de coragem nem a coragem de tomar decisões. Nele está o vigor de nossas raízes e os alicerces para o exercício da audácia na direção de um horizonte de virtualidades surpreendentes.

A história se faz de homens que agem dentro de um feixe de possibilidades que os transcendem e determinam. A maioria passa anônima e simplesmente pela história, sem lhe fazer a menor moça. Poucos a melhoram. Alguns a pioraram. Raríssimos experimentam refazê-la. **Só JESUS**, "na plenitude dos tempos" (Gl 4, 4), **revolucionou a História**, ab imis fundamentis, fazendo-se humano e remodelando o homem pelo projeto divino inaugural. Onde outros dariam ou deram o seu saber, a sua astúcia, a sua coragem, ele deu apenas isso: o seu coração, este atributo que a todos encanta: o dom de si mesmo. **Hoje como ontem, pela fé nesta Criança, renova-se a alma do mundo**.

O **NATAL DE JESUS** é um passado que nos é contemporâneo na forte emoção de um encontro visível com o Deus sem tempo, mas revelado no início de todos os tempos. **"JESUS CRISTO é sempre o mesmo: ontem, hoje e por toda a eternidade"** (Heb 13, 8). O seu NATAL, ponto culminante de confluência de Deus e do Homem, acenda as luzes de nosso passado de Fé para iluminar de grandes esperanças os novos tempos que se aproximam e se anunciam. NATAL, noite de paz e de luz. Desçam sobre nós as bênçãos de JESUS.

Desejando-lhe toda paz e todo bem, com sempre renovada estima e fraterna amizade, subscrevo-me,

atenciosamente

PE. MARCOS DE LIMA, SDB

Redator-Responsável

Convergência e Publicações CRB